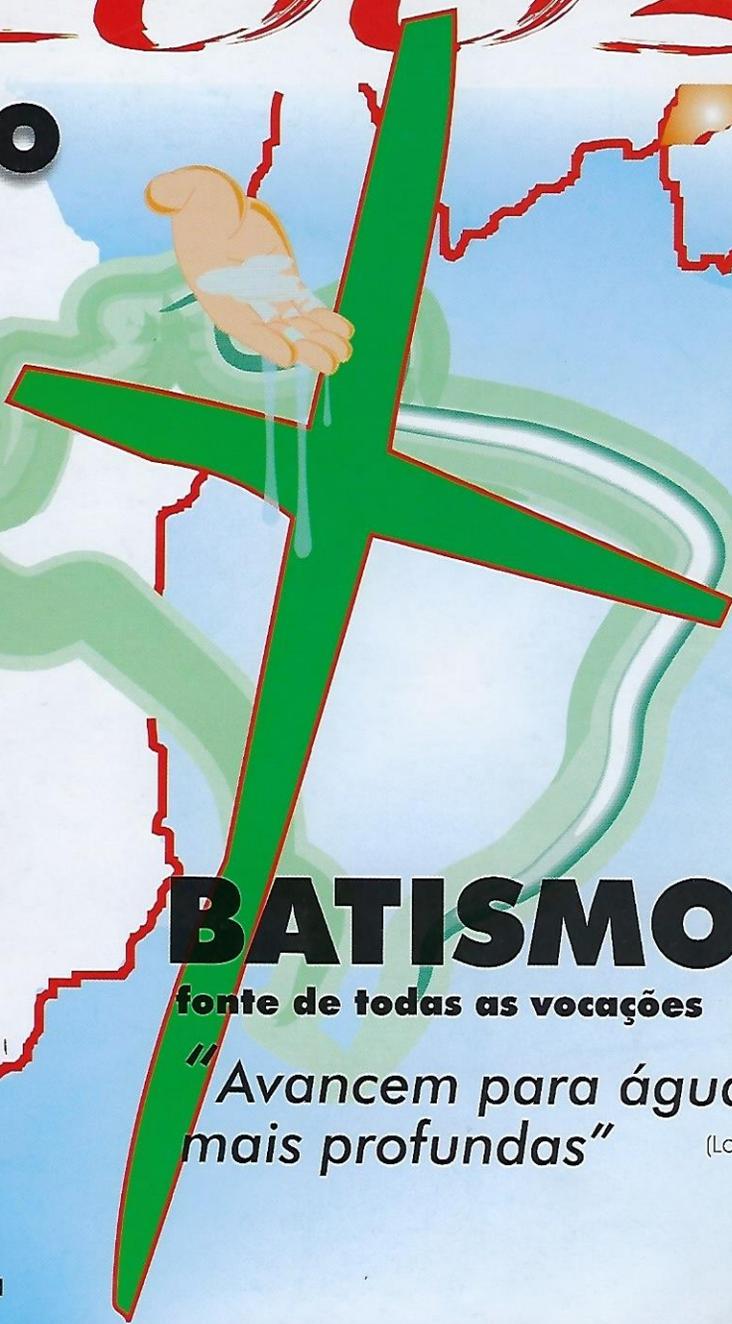


2003

**ANO**

**VOCACIONAL**

**BRASIL**



**BATISMO,**

**fonte de todas as vocações**

*“Avancem para águas  
mais profundas”*

(Lc 5.4)

**TEXTO BASE**

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL  
Setor Vocações e Ministérios  
Grupo de Assessoria Vocacional

APRESENTAÇÃO

**DIMENSÃO MISSIONÁRIA**

# BATISMO: FONTE DE TODAS AS VOCAÇÕES

**“Avancem para águas mais profundas”  
(cf. Lc 5,4)**

**TEXTO-BASE DO ANO VOCACIONAL 2003**

**Brasília - DF  
2002**

## APRESENTAÇÃO

Logo após a aprovação, por parte de todo o episcopado brasileiro, de um Ano Vocacional para 2003, nós do Setor Vocações e Ministérios (SVM) da CNBB iniciamos os trabalhos de preparação, começando pelo tema e pelo lema. Estes foram escolhidos pelo Grupo de Assessoria Vocacional (GAV), depois da consulta feita aos 62 participantes do 15.º Encontro Nacional de Pastoral Vocacional, realizado em Brasília (DF), durante o mês de outubro de 2001.

A consulta feita indicava como importante e necessária a elaboração de um **Texto-Base**, capaz de oferecer a fundamentação básica, teológica, a partir da qual os Regionais e as Igrejas locais iriam elaborar os seus subsídios e traçar a sua programação.

O texto-base, que tenho a alegria de aprovar e de apresentar, oferece uma reflexão sobre o tema e o lema do Ano Vocacional de 2003. Ele está dividido em três partes: a) análise da realidade; b) reflexão bíblica; c) avanços e pistas de ação. Foi elaborado a partir da intuição original do papa João Paulo II, em sua Carta Apostólica **Novo Millennio Ineunte**, com a colaboração de mais de 100 especialistas no assunto. Durante oito meses, sob a coordenação do SVM, várias mãos trabalharam e se esmeraram para oferecer à Igreja no Brasil um subsídio denso e bastante significativo.

Quem estudar atentamente este texto-base, notará que o seu fio condutor é o **parágrafo 46** da mencionada Carta Apostólica de João Paulo II. Nele devem ser encontradas também as **quatro chaves** de leitura e de interpretação deste subsídio: 1) necessidade de uma **vasta e capilar** animação vocacional que envolva todas as componentes do Povo de Deus; 2) animação vocacional que, além do ministério ordenado e da vida consagrada, cuide de todas as outras vocações que brotam da riqueza do sacramento do batismo; 3) atenção especial à vocação dos cristãos leigos e leigas, com destaque para os ministérios não-ordenados, a famí-

lia e o matrimônio; 4) unidade da Igreja, que não é uniformidade, mas interação das legítimas diversidades. Tais chaves interpretativas não podem ser vistas de formas dissociadas, mas na dinâmica da complementaridade e da interdependência.

Este texto-base não tem a pretensão de dizer tudo sobre a temática. Não quer também substituir a necessária reflexão, elaborada a partir da realidade de cada diocese ou paróquia. Ele quer ser um simples instrumento de trabalho, com o objetivo de apenas favorecer o impulso vocacional das Igrejas locais e o vigor missionário das comunidades eclesiais.

Fazemos votos de que o Ano Vocacional de 2003 possa “dar espaço a todos os dons do Espírito” (NMI, 46). Que, a partir desta iniciativa da Igreja no Brasil, todos sintam-se revigorados e animados na caminhada vocacional. E, de uma Igreja com fisionomia vocacional (cf. PDV, 34) brotem numerosas vocações para as diversas vocações específicas, particularmente para os presbitérios diocesanos e para a vida consagrada.

Maria, a grande vocacionada do Pai, nos acompanhe neste grande mutirão vocacional.

Brasília, 6 de agosto de 2002.

Festa da Transfiguração do Senhor

Dom Angélico Sândalo Bernardino

Bispo de Blumenau (SC)

Responsável pelo Setor Vocações e Ministérios da CNBB

## INTRODUÇÃO

1. A 39.<sup>a</sup> Assembléia Geral dos Bispos do Brasil, celebrada no mês de julho de 2001, aprovou por **unanimidade** a realização do segundo Ano Vocacional em 2003. A aprovação unânime por parte dos bispos faz da proposta do Ano Vocacional um Projeto para toda a Igreja no Brasil, e não apenas uma indicação para aqueles que estão envolvidos diretamente na animação vocacional. Por esta razão o Ano Vocacional deverá atingir e envolver toda a dinâmica evangelizadora e todo o serviço pastoral das comunidades cristãs.

### Contexto

2. A realização deste Ano Vocacional insere-se num momento bastante significativo. Antes de tudo, os 50 anos da CNBB, acontecimento este que sugere uma profunda revisão da missão evangelizadora. Dentro deste contexto, o Ano Vocacional apresenta-se como sendo “o sal e a luz” que dão sabor e vida a diversos projetos pastorais que estão em andamento<sup>1</sup>. No âmbito das vocações e dos ministérios, fazemos memória do 20.<sup>o</sup> aniversário do primeiro Ano Vocacional realizado em 1983, o qual foi para toda a Igreja no Brasil um tempo de graça, gerando uma nova mentalidade e uma nova consciência vocacional.
3. Outro elemento do contexto é a necessidade da aplicação das propostas do 1.<sup>o</sup> Congresso Vocacional do Brasil, celebrado em 1999, que teve como tema: “Vocações e Ministérios para o Novo Milênio”. Nesse clima, o Ano Vocaci-

<sup>1</sup> Recordamos aqui: 1) o Projeto “Ser Igreja no Novo Milênio”, que nos convida a retomar a experiência das primeiras comunidades cristãs; 2) o Mutirão de superação da miséria e da fome, que lembra aos cristãos e cristãs a necessidade de ouvirmos os gritos dos excluídos e participarmos dos seus esforços em busca da libertação; 3) a Campanha da Fraternidade de 2003, a qual, manifestando amor e respeito pelos mais idosos, reafirma a necessidade da “vida, dignidade e esperança para todos”.

onal vai contribuir para preparar a realização do 2.º Congresso Vocacional, já aprovado pelos bispos, marcado para o período de 2 a 6 de setembro de 2005. Chamará a atenção para a **prioridade** do SAV<sup>2</sup>, tantas vezes evidenciada pelo Magistério da Igreja e pela prática de numerosas comunidades eclesiais.

## Objetivo

4. Dentro deste contexto, o Ano Vocacional tem como grande objetivo ajudar a Igreja a perceber-se como “assembléia dos vocacionados e vocacionadas”. Sabemos que “a vocação define, em certo sentido, o ser profundo da Igreja ainda antes do seu operar. No próprio nome da Igreja, **Ecclesia**, está indicada a sua íntima fisionomia vocacional, porque ela é verdadeiramente ‘convocação’, **Assembléia dos chamados**” (PDV, 34).
5. Com a realização do Ano Vocacional em 2003 a Igreja no Brasil pretende motivar todos os batizados para que se reconheçam como pessoas que foram chamadas pelo Pai (Jo 6,44.65), escolhidas pelo Filho (Jo 15,16) e enviadas em missão pelo Espírito (At 13,1-3). Esta consciência vocacional criará a convicção de que todos, sem exceção, somos vocacionados a sermos santos no amor (Ef 1,4); levará também a uma animação vocacional que inclua todas as vocações, de que a comunidade tem necessidade para cumprir a sua missão.
6. O sonho deste Ano Vocacional é tornar concreta a proposta de João Paulo II (PDV, 34), ajudando a nossa Igreja a ter, de fato, uma **fisionomia vocacional**; um povo convocado pela Trindade para o serviço em favor da vida, da humanidade, de modo particular dos que são excluídos, com os quais Cristo quis se identificar (cf. Mt 25,31-46). Se houver esta consciência profunda de que somos pessoas chamadas para a missão, o nosso agir será mais concreto, corajoso, animado e constante.
7. Outro elemento a ser dinamizado, fundamental para a vitalidade da Igreja, é a convicção de que **todos os batizados**, sem exceção, são responsáveis pelo cuidado das vocações; a consciência de que o **protagonista**, o sujeito ativo

<sup>2</sup> Neste texto iremos usar três expressões para designar o cuidado pelas vocações. A primeira será **Serviço de Animação Vocacional (SAV)**, entendendo com isso a ação de toda a comunidade em favor das vocações (PDV, 41a). A segunda expressão será **Pastoral Vocacional (PV)**, bastante conhecida, mas aqui usada somente para indicar o esforço das Igrejas locais no sentido de que a dimensão vocacional esteja sempre presente em todos os âmbitos da pastoral orgânica das comunidades; trata-se da organização e estruturação do SAV, responsabilidade que compete em primeiro lugar ao bispo e ao seu presbitério ((PDV, 41). Por fim, a terceira expressão a ser usada será **Animação Vocacional** para falar, ao mesmo tempo, do SAV e da PV.

da animação vocacional é a comunidade eclesial enquanto tal e não apenas algumas pessoas<sup>3</sup>. Junto com o protagonismo vocacional surge a paixão pelo anúncio da Palavra, suscitando na Igreja “uma nova missionariedade, que não poderá ser delegada a um grupo de ‘especialistas’, mas deverá responsabilizar todos os membros do povo de Deus” (NMI, 40).

8. O resultado desse processo – a ser finalmente atingido em todo o Brasil – é que as dioceses, paróquias e comunidades **deixem** de considerar a dimensão vocacional como um elemento secundário, um acessório, uma pastoral a mais, um momento isolado, uma “simples parte” da pastoral global. Sonha-se, a partir deste Ano Vocacional, com a graça de chegarmos à convicção, traduzida numa prática concreta, de que a dimensão vocacional, mais do que uma pastoral entre outras, é uma **dimensão conatural e essencial** para a vida da Igreja e para a sua ação evangelizadora (PDV, 34).

### Tema e lema

9. O **tema** e o **lema** escolhidos contribuirão para a conquista destes objetivos do Ano Vocacional. O tema - **Batismo, fonte de todas as vocações** - pretende ressaltar o fato de que todas as pessoas batizadas são chamadas para a missão. Pelo batismo somos sepultados (mergulhados na fonte) com Cristo na sua morte para sermos pessoas ressuscitadas, plenas de vida (cf. Rm 6,1-11). Pela água da fonte batismal todas as pessoas são enxertadas em Cristo (cf. Rm 6,3), inseridas no seu Corpo (cf. 1Cor 12,13) para, na diversidade de carismas (cf. 1Cor 12,4-31), servirem à comunidade e à humanidade. O batismo é a fonte da **comum dignidade** e da legítima **diversidade** (cf. LG, 32).
10. A graça recebida no batismo faz-nos pertencer a Cristo, rompendo com qualquer pretensão de desigualdade no interior da comunidade (cf. Gl 3,25-29). O que importa, em primeiro lugar, não é ser bispo, padre, freira, diácono, leigo, leiga, mas discípulo, discípula de Jesus. A vocação é, antes de tudo, chamado para o **seguimento** de Cristo. Mas, ao mesmo tempo, esta graça batismal permite e exige a diferença e a diversidade de carismas, ministérios e funções, evitando a confusão e o nivelamento no interior das comunidades (cf. 1Cor 12,14-21). Por isso, a animação vocacional deve ter a preocupação de ajudar cada pessoa batizada a descobrir-se como alguém que foi chamado por Deus para uma vocação específica bem concreta.

<sup>3</sup> Cf. PDV, 41; CNBB, *Vida e ministério do presbítero – Pastoral Vocacional*, Paulinas, São Paulo, 1981, n.º 244.

11. A partir disso, a Igreja precisa “dar espaço a todos os dons do Espírito. A unidade da Igreja não é uniformidade, mas integração orgânica das legítimas diversidades” (NMI, 46). Além da preocupação com as vocações para o ministério ordenado e para a vida consagrada, a animação vocacional deve consolidar cada vez mais a vocação dos cristãos leigos e leigas e fazer florescer todos os demais ministérios de que a comunidade eclesial e a humanidade sentem necessidade<sup>4</sup>. Deve promover e incentivar todas as vocações “radicadas na riqueza da vida nova recebida no sacramento do batismo”<sup>5</sup>.
12. O lema “**Avancem para águas mais profundas**” é inspirado no texto de Lc 5,4, que foi tomado pelo papa João Paulo II como elemento dinamizador da Carta Apostólica **Novo Millennio Ineunte**. Sua finalidade é provocar a Igreja, comunidade de vocacionados e vocacionadas, a “fazer-se ao largo”, isto é, avançar, ousar, rompendo com toda estagnação ou acomodação. A forma no plural quer evidenciar também a diversidade, falando a todas as vocações específicas. Todas devem avançar, ir além, respondendo com prontidão ao chamado da Trindade. É um convite a viver o momento presente com paixão, mas tendo a coragem de abrir-se para o futuro, para o novo, para o diferente, para as surpresas do Espírito.

### Motivação

13. O mundo vive uma grande crise provocada pela globalização neoliberal e por outras situações difíceis. No âmbito eclesial o momento atual caracteriza-se pela desconfiança, pelo desânimo. Muitas lideranças estão cansadas. Encontram-se na mesma situação dos Apóstolos: “Mestre, tentamos a noite inteira, e não pescamos nada...” (Lc 5,5). O lema do Ano Vocacional é um convite a acreditar na Palavra do Senhor e tentar mais uma vez, indo para frente, arriscando, ousando, sabendo que vale a pena, sob o impulso da Palavra, “lançar as redes”. As experiências vividas até agora devem suscitar em nós um dinamismo novo, que nos leve a investir, em iniciativas concretas em favor da humanidade, aquele entusiasmo que sentimos toda vez que ouvimos a Palavra de Jesus (NMI, 15).
14. Considerando a dimensão vocacional da Igreja, isso significa **estruturar** o SAV em todas as dioceses e paróquias. Por meio dele será possível realizar, na comunidade eclesial, “uma reflexão mais atenta sobre os valores essenciais da vida, cuja síntese decisiva está na resposta que cada um é convidado a

<sup>4</sup> Cf. NMI, 46; CNBB, *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, Paulinas, São Paulo, 1999.

<sup>5</sup> NMI, 46; cf. CNBB, *Vida e ministério do presbítero*, n.º 244.

dar ao chamado de Deus, especialmente quando este pede a total doação de si mesmo e das próprias forças à causa do Reino” (NMI, 46).

15. Além disso, o Ano Vocacional deseja incrementar ainda mais, em todas as Igrejas locais, o espírito de oração pelas vocações. Neste sentido, espera-se gerar uma nova mística e uma nova espiritualidade do seguimento, onde todos os batizados e batizadas possam ser perseverantes, dar testemunho de sua fé e viver a própria vocação na fidelidade, até que se atinja a plena maturidade em Cristo (cf. Ef 4,13).
16. Portanto, a proposta do Ano Vocacional de 2003 quer ser bastante encorajadora. Ela deseja promover, em toda a Igreja no Brasil, um novo e promissor despertar vocacional, para que todos os cristãos e cristãs, a partir do compromisso batismal, assumam, na comunidade e nas diferentes realidades da sociedade, sua própria vocação e missão. Tudo isso para que não falte evangelizadores que anunciem com entusiasmo a Boa Notícia do Reino.

#### *a) Os sopros do Espírito*

18. Mas no ventos do Espírito soprando e, no meio dos cristãos leigos e leigas, surge a Ação Católica. Esta teve uma atuação muito significativa no Brasil, possibilitando inclusive o nascimento, em 1952, da própria CNBB, preparando assim o terreno para um momento de graça na história da Igreja em nosso país, a fase que se inicia com a realização do Vaticano II. Foi o período do “planejamento pastoral” e da “pastoral orgânica”. Nenhuma época se conseguiu uma verdadeira interação entre linhas comuns de ação para toda a Igreja no Brasil e os planos diocesanos de pastoral. Estas tentavam encarnar

1. Cf. CNBB, *Uma pastoralização da pastoral vocacional*, Paulus, São Paulo, 1983, pp. 8-9; *IV pastoral vocacional no Brasil: História e perspectivas*, Paulus, São Paulo, 1987, pp. 22-23; OLIVEIRA, J. L. M. DE, Igreja: povo de Servidores – O Serviço de Animação Vocacional da CNBB, in *Encontros Teológicos* 17 (2001) n.º 371, pp. 119-138.

2. Cf. LOUSCHETER, J. L. Jubileu de Ouro da CNBB, in *Comunicação Mensal* 569 (Julho de 2002), pp. 380-381; CRUZBUCA, G. T. DE, *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil: Construção e Corresponsabilidade*, Paulus, São Paulo, 1973, pp. 170-177.

3. *Pós-Pastoral Orgânica, ou Pastoral de Conjunto, entendemos aqui a esforço da Igreja de um país, de uma região ou de uma diocese no busca de uma “unidade diversificada”, com o objetivo de promover uma ação evangelizadora que seja ao mesmo tempo eficaz e permanente.*

## 1. O ROSTO DA ANIMAÇÃO VOCACIONAL A REALIDADE

*“Certo dia, Jesus estava à beira do lago de Genesaré, e a multidão se comprimia a seu redor para ouvir a Palavra de Deus. Ele viu dois barcos à beira do lago; os pescadores tinham descido e lavavam as redes” (Lc 5,1-2)*

### 1.1. Fazendo memória

17. Antes do Concílio Vaticano II (1962-1965) a Animação Vocacional era caracterizada pela ênfase nas vocações sacerdotais. Aqui no Brasil se fazia junto ao povo uma intensa campanha de oração e de coleta de dinheiro para a sustentação dos seminários. Isso se dava especialmente através da “Obra das Vocações Sacerdotais” (OVS)<sup>6</sup>.

#### a) Os sopros do Espírito

18. Mas os ventos do Espírito sopravam e, no meio dos cristãos leigos e leigas, surge a Ação Católica. Esta teve uma atuação muito significativa no Brasil, possibilitando inclusive o nascimento, em 1952, da própria CNBB, preparando assim o terreno para um momento de graça na história da Igreja em nosso país: a fase que se inicia com a realização do Vaticano II<sup>7</sup>. Foi o período do “planejamento pastoral” e da “pastoral orgânica”<sup>8</sup>. Naquela época se conseguiu uma verdadeira interação entre linhas comuns de ação para toda a Igreja no Brasil e os planos diocesanos de pastoral. Estes tentavam encarnar

<sup>6</sup> Cf. CNBB, *Guia pedagógico de pastoral vocacional*, Paulus, São Paulo, 1983, pp. 8-9; ID., *A pastoral vocacional no Brasil. História e perspectivas*, Paulus, São Paulo, 1987, pp. 22-23; OLIVEIRA, J. L. M. DE, Igreja: Povo de Servidores – O Serviço de Animação Vocacional da CNBB, em *Encontros Teológico* 17 (2002), n.º 32/1, pp. 119-136.

<sup>7</sup> Cf. LORSCHTEITER, J. I., Jubileu de Ouro da CNBB, em *Comunicado Mensal* 560 (abril de 2002), pp. 380-381; QUEIROGA, G. F. DE, *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Comunhão e Corresponsabilidade*, Paulus, São Paulo, 1977, pp. 170-177.

<sup>8</sup> Por Pastoral Orgânica, ou Pastoral de Conjunto, entendemos aqui o esforço da Igreja de um país, de uma região ou de uma diocese na busca de uma “unidade dinamizadora”, com o objetivo de promover uma ação evangelizadora que seja ao mesmo tempo eficaz e permanente.

na realidade local as propostas mais amplas vindas do concílio e dos projetos pastorais, pensados no âmbito da CNBB, a partir do Vaticano II.

19. O último Concílio conseguiu resgatar elementos teológicos importantes, abrindo espaço para uma verdadeira renovação eclesial. Entre esses elementos convém destacar a imagem significativa da Igreja “Povo de Deus”, a qual causou uma verdadeira revolução no conceito de vocação, na prática da animação vocacional e na consciência missionária dos cristãos e cristãs. Na América Latina a aplicação do Vaticano II se deu mais profundamente, graças às Conferência Gerais do episcopado latino-americano em Medellín (1968), em Puebla (1979) e em Santo Domingo (1992)<sup>9</sup>.
20. A conferência de Puebla foi a que mais explicitamente tratou da temática da vocação e da missão, vendo-a na perspectiva da **comunhão** e da **participação**. Pelo Batismo e pela Crisma a Trindade nos chama a ser Povo, a viver em comunhão, a participar na missão e na vida da Igreja e a tomar parte ativa na transformação do mundo<sup>10</sup>. Toda a comunidade cristã é missionária e chamada, de maneira particular, a evangelizar os pobres e os jovens, os quais constituem a riqueza, a esperança e, por conseguinte, a prioridade da ação evangelizadora da Igreja<sup>11</sup>.
21. Tudo isso infundiu um novo dinamismo na ação pastoral da Igreja no Brasil. Neste contexto, também o SAV passou por uma profunda transformação, tanto nos conteúdos quanto na sua prática. Começou a existir uma preocupação maior com a necessidade de desenvolver uma animação vocacional que contemplasse melhor a realidade brasileira e os seus múltiplos desafios. Sen-

Isso inclui princípios orientadores, objetivos, opções, estratégias, iniciativas e práticas comuns, assumidas por todos (cf. P, 1222). A Pastoral Orgânica é uma ação intencional, consciente e planejada. Requer um processo de participação em todos os âmbitos das comunidades e das pessoas, além de uma metodologia capaz de ajudar não só na reflexão sobre a realidade, mas também sobre o uso racional dos meios mais aptos para se atingir o objetivo (cf. P, 307). Ela consiste basicamente num trabalho de *coordenação* das tarefas dos agentes e das instituições, por meio de um organismo competente – o conselho pastoral. Sua função principal é planejar e avaliar a ação evangelizadora, vendo as atividades e as situações, levando a uma melhor utilização dos recursos, modificando, suprimindo ou criando novas estratégias para se atingir o objetivo (cf. P, 1049; BRIGHENTI, A., *Reconstruindo a Esperança*. Como planejar a ação da Igreja em tempos de mudança, Paulus, São Paulo, 2000).

<sup>9</sup> Apesar de ter visto a questão da animação vocacional mais na perspectiva das “vocações sacerdotais” (SD, 79 e 81), Santo Domingo, sob o impulso da palavra de João Paulo II, convidou a Igreja da América Latina e do Caribe a “estimular as vocações provenientes de todas as culturas presentes em nossas Igrejas particulares” (SD, 80). A este respeito veja-se OLIVEIRA, J. L. M. DE, A vocação em Santo Domingo, em *Espírito* 54 (janeiro/março de 1993), pp. 12-29.

<sup>10</sup> Cf. P, nn. 852-891.

<sup>11</sup> Cf. *ibid.*, nn. 1128-1293.

tiu-se que era preciso dinamizar melhor esta animação vocacional, fazendo chegar a todas as dioceses e comunidades o interesse pelas vocações.

#### b) *Novo dinamismo*

22. O período de consolidação dos novos rumos e da nova organização do SAV no Brasil culmina com uma **mobilização geral** feita através da realização do primeiro Ano Vocacional, acontecido em 1983, cujo objetivo era promover, em âmbito nacional, diocesano e paroquial a “conscientização e formação de vocações”<sup>12</sup>.
23. Este primeiro Ano Vocacional contribuiu eficazmente para o aprofundamento e o amadurecimento da teologia da vocação e das vocações e das experiências de animação vocacional. O próprio **Guia pedagógico**, publicado naquela ocasião por solicitação dos bispos<sup>13</sup>, foi um subsídio valioso que ajudou na capacitação de um número imenso de animadores e animadoras vocacionais e na estruturação da PV na maioria das dioceses e paróquias.
24. A partir disso, as iniciativas se multiplicaram. A questão vocacional no Brasil passou a ter prioridade e destaque, sobretudo com a celebração anual do **mês vocacional** (agosto) também solicitado pelos bispos na assembléia de 1981<sup>14</sup>. O Setor Vocações e Ministérios passou por uma reestruturação contando também com a organização da PV nos Regionais. Incentivou-se a criação das Equipes Vocacionais nas dioceses e nas paróquias. Começou a ser definido o **itinerário vocacional**, inicialmente pensado em três etapas (despertar, discernir, acompanhar) e, mais tarde, acrescido da etapa do cultivo<sup>15</sup>.
25. Por outro lado, mudanças aceleradas, ocorridas na sociedade brasileira, exigiram a revisão de muitos elementos da animação vocacional. Surgiram então os cursos vocacionais, as **escolas vocacionais** e a publicação da coleção “Cadernos Vocacionais”<sup>16</sup>, com a finalidade de preparar melhor as pessoas que iriam assumir serviços de animação vocacional.

<sup>12</sup> CNBB, *Vida e ministério do Presbítero*, n.º 258. Convém não esquecer que a celebração do Ano Vocacional em 1983 foi certamente motivada pelo 2.º Congresso Internacional das Vocações, realizado em Roma no período de 10 a 16 de maio de 1981, tendo como tema: “Desenvolvimento da Pastoral das Vocações nas Igrejas Particulares, experiências do passado e programas para o futuro”.

<sup>13</sup> Cf. CNBB, *Vida e ministério do Presbítero*, n.º 257.

<sup>14</sup> Cf. *Ibid.*, n.º 259.

<sup>15</sup> Cf. ID., *Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Diretrizes Básicas*, Paulinas, São Paulo, 1995, n.º 27.

<sup>16</sup> Atualmente a coleção já conta com 38 cadernos e está sob a responsabilidade do Instituto de Pastoral Vocacional e das Edições Loyola (São Paulo).

26. Passou-se então a assistir a um novo dinamismo do SAV. O Setor Vocações e Ministérios convocou então a Igreja no Brasil a refletir com seriedade sobre as questões emergentes e, ao mesmo tempo, estimulou diversas iniciativas. Entre as iniciativas, merece destaque a convocação das congregações e institutos de vida consagrada com carisma vocacional para somarem forças, em vista do serviço às vocações. Disto nasceu, em 15 de agosto de 1993, o Instituto de Pastoral Vocacional (IPV), o qual vem prestando enormes serviços no campo da reflexão teológica, da assessoria aos cursos, da preparação e publicação de subsídios e da coordenação das escolas vocacionais. Nesta breve memória histórica não se poderia deixar de lembrar também a figura de Dom Joel Ivo Catapan, SVD, auxiliar de São Paulo, falecido a 1.º de maio de 1999, cognominado “o bispo das vocações”, grande dinamizador da pastoral vocacional no Brasil, pioneiro na iniciativa das escolas vocacionais e um dos principais articuladores da gestação e nascimento do IPV.

27. Em termos de documentos eclesiais são significativos, entre tantos outros, as Diretrizes Básicas para a formação dos Presbíteros (1995)<sup>17</sup> e aquele sobre a missão e os ministérios dos cristãos leigos e leigas (1999)<sup>18</sup>. Em 2002, durante a 40.ª Assembléia Geral da CNBB, os bispos aprovaram as Diretrizes para o Diaconado Permanente, as quais entrarão em vigor logo após a aprovação da Santa Sé.

28. De 23 a 27 de maio de 1994, em Itaici, aconteceu o 1.º Congresso Continental Latino-americano de Vocações, abordando o tema: “A Pastoral Vocacional no Continente da Esperança”. A partir dele nasceu a idéia de se realizar o 1.º Congresso Vocacional do Brasil, celebrado depois no período de 2 a 5 de setembro de 1999. Chamado a refletir sobre as vocações e os ministérios, no contexto do novo milênio que estava para se iniciar, este Congresso foi o primeiro a reunir um grande número de animadores vocacionais provenientes de todas as dioceses do país. Com o seu lema “Coragem. Levanta-te, Ele te chama!” (Mc 10,49b), provocou um grande entusiasmo vocacional e sugeriu pistas bastante significativas para o futuro da animação vocacional no Brasil<sup>19</sup>.

<sup>17</sup> Citado na nota 15.

<sup>18</sup> Citado na nota 4.

<sup>19</sup> Cf. CNBB, *1.º Congresso Vocacional do Brasil. Documento Final*, Brasília, 1999; ID., *Memórias do 1.º Congresso Vocacional do Brasil*, Brasília, 2000.

## 1.2. Vendo o presente: pesquisa vocacional nos regionais

29. Mas diversos desafios ainda permanecem, levando muitos animadores e animadoras vocacionais a pedir um outro Ano Vocacional, idéia felizmente acolhida e aprovada pelos nossos bispos. O Setor Vocações e Ministérios, durante o ano de 2001, através do Grupo de Assessoria Vocacional, em parceria com o Instituto de Pastoral Vocacional, fez um levantamento, em forma de pesquisa, sobre a aplicação dos resultados do 1.º Congresso Vocacional do Brasil. Em vista do Ano Vocacional, faz-se importante destacar agora uma série de elementos desta pesquisa, para que as iniciativas e atividades venham enriquecer o processo já em andamento.

### a) As respostas dos regionais e dioceses

30. O questionário foi enviado primeiramente às dioceses. Posteriormente foi solicitada a síntese pelas Coordenações Regionais. Dos regionais existentes, nove responderam (52,05%). Mas, se tomarmos o número de circunscrições eclesiais (dioceses e prelazias) existentes no Brasil, das 263 apenas 58 responderam, ou seja 22,05%. Todavia, mesmo considerando a fragilidade do resultado dos dados, pode-se comprovar que a acolhida e estudo do documento final foram muito expressivas (83,02%), o que significa que ele chegou até as bases, houve alguma forma de aprofundamento e atingiu os seus objetivos (*ver tabela 01*):

1. USO DOS SUBSÍDIOS			
	SIM	NÃO	SEM RESPOSTA
DOCUMENTO FINAL	83,02%	5,87%	11,11%
CD "ELE TE CHAMA"	73,72%	15,17%	11,11%
VÍDEOS	51,92%	36,97%	11,11%
LIVRO "MEMÓRIAS"	35,67%	53,22%	11,11%

ONDE FOI ESTUDADO	
ENCONTROS	39,42%
ASSEMBLÉIAS	13,73%
CONGRESSOS	12,10%
OUTROS	23,64%
SEM RESPOSTA	11,11%

31. Quanto aos efeitos e à repercussão se pode dizer, de forma objetiva, que houve praticamente uma unanimidade sobre a importância do 1.º Congresso Vocacional para a nova consciência e a nova dinamização da animação vocacional. Ele reforçou a dimensão vocacional das pastorais, a compreensão

teológica da vocação; ajudou a ver a importância da formação dos animadores vocacionais; chamou a atenção para a questão da ministerialidade da Igreja; deu impulso para um serviço mais organizado, melhor coordenado e articulado; contribuiu para a reestruturação da PV em muitas dioceses, deixando clara a prioridade do SAV.

### b) O rosto da animação vocacional

32. O questionário da pesquisa procurou delinear o rosto da animação vocacional no Brasil<sup>20</sup>. Os traços apresentados puderam ser sintetizados da seguinte forma:
33. Com relação à **ministerialidade** da Igreja, as respostas sublinharam o valor do batismo, a necessidade e a importância dos ministérios, a consolidação do protagonismo dos cristãos leigos e leigas, a necessidade de uma igreja toda ministerial, a responsabilidade de toda a comunidade pelas vocações.
34. No tocante à **inculturação**, evidenciou-se a urgência de uma evangelização inculturada, o respeito às culturas e à cultura dos vocacionados e vocacionadas, o surgimento de novos ministérios, a estruturação de uma animação vocacional mais situada e mais localizada.
35. No que diz respeito à **pessoa**, foi destacada a necessidade de um SAV mais personalizado que resgate a dimensão humana, o valor da liberdade e a maturidade da fé e da experiência de Deus.
36. Quanto ao tema da **cultura urbana**, mesmo já havendo o crescimento da reflexão, a abertura à realidade da cidade e uma preocupação cada vez maior com a questão, apareceu um desafio a ser assumido: uma melhor compreensão e um aprofundamento do fenômeno da urbanização.
37. Mesmo assim, das respostas se depreende que o novo rosto da animação vocacional já começa a ter raízes culturais próprias, aberto aos sinais dos tempos, tendo a vida como valor fundamental. Nota-se que já existe uma fisionomia mais ministerial e missionária, articulada com a pastoral orgânica, integrada com as demais pastorais, inserida na cultura urbana e acolhedora da pluralidade das vocações e da riqueza de ministérios, incluindo a participação dos cristãos leigos e leigas.

<sup>20</sup> As questões tinham presente as indicações do parágrafo 18 do Documento Final do 1.º Congresso Vocacional do Brasil.

### c) Temas a serem aprofundados

38. O questionário permitiu ainda estabelecer uma ordem de prioridades em relação aos **temas que necessitam de aprofundamento**<sup>21</sup>. Olhando a síntese final pode-se afirmar que, praticamente, não existem divergências entre os Regionais. Os temas mais indicados foram: a teologia da vocação e da pastoral vocacional (11,24%), a integração da pastoral vocacional com as pastorais afins (9,98%), a formação dos vocacionados (8,29%). Família, mística e espiritualidade, juventude e catequese vieram a seguir. Veja, na tabela 02, os outros temas a serem aprofundados:

2. TEMAS A SEREM APROFUNDADOS		
1	Teologia da vocação e da PV	11,24%
2	A integração da PV com as pastorais afins	9,98%
3	A formação dos vocacionados	8,29%
4	PV e família	7,84%
5	Mística e espiritualidade na PV	6,60%
6	PV e juventude	6,59%
7	PV e catequese	6,30%
8	O lugar das vocações específicas	5,78%
9	A PV e as questões de gênero, celibato e castidade	5,46%
10	A vocação e a Palavra de Deus	5,09%
11	Ecumenismo e diálogo inter-religioso	4,48%
12	A PV e os excluídos	3,09%
13	Outros	19,26%

39. Isso vem apenas confirmar a tendência já presente no 1.º Congresso Vocacional e aqui melhor explicitada. A teologia da vocação e da animação vocacional, a interação desta última com as pastorais (especialmente a catequese, a juventude e a família), a formação dos vocacionados, a mística e a espiritualidade estão no centro da atenção e são referenciais para um SAV que pretenda ser amplo, eclesial e ministerial.
40. É importante notar ainda que, na seqüência dos temas, aparecem as questões de gênero, celibato e castidade (5,46%). Estes são desafios a serem enfrentados com urgência. Existe também uma série de outros temas que denotam preocupações locais, não menos importantes: as vocações indígenas, pastorais e movimentos, psicologia da vocação e o diálogo inter-religioso.

<sup>21</sup> No tocante aos temas a serem aprofundados o questionário seguiu o esquema indicado pelo parágrafo 19 do Documento Final do 1.º Congresso Vocacional do Brasil.

#### d) Novas questões

41. Como **novas questões** poderiam ser destacadas: a) as vocações adultas; b) a animação vocacional e realidade das paróquias; c) os novos paradigmas sociais; d) animação vocacional e sexualidade do clero; e) animação vocacional e questões antropológicas; f) as vocações indígenas e itinerário vocacional inculturado; g) formação permanente das equipes vocacionais; h) animação vocacional e cultura midiática. Evidentemente estes temas indicam uma clara e objetiva percepção do que se haverá de incluir e aprofundar a partir de agora.

#### e) Desafios

42. O questionário identificou também os **maiores desafios**<sup>22</sup> para a animação vocacional. Em percentuais, o resultado indica, por ordem decrescente: 1) a afetividade e a sexualidade dos vocacionados e vocacionadas (16,48%); 2) a organização e articulação da pastoral vocacional (16,28); 3) a formação dos animadores e animadoras (15,11%). O tripé mínimo do SAV aqui apresentado é, sem dúvida, o seguinte: a) a pessoa do vocacionado(a) e a integração de sua afetividade e sexualidade; b) o(a) animador(a) vocacional e sua formação<sup>23</sup>; c) a organização e articulação da PV. Outros desafios apontados foram: o itinerário vocacional (10,7%), a ação dos movimentos eclesiais (7,71%) e a mística inculturada (7,58%). Veja, na tabela 03, todos os resultados:

3. DESAFIOS		
1	A afetividade e a sexualidade dos vocacionados(as)	16,48%
2	A organização e articulação da PV	16,28%
3	A formação dos agentes	15,11%
4	A coragem e o entusiasmo dos(as) animadores(as)	11,66%
5	O itinerário vocacional	10,70%
6	A ação dos movimentos eclesiais	7,71%
7	Uma mística inculturada	7,58%
8	A afetividade e sexualidade dos animadores(as)	7,17%
9	O processo de inculturação (símbolos, linguagem...)	5,05%
10	O testemunho dos(as) animadores(as)	2,26%

<sup>22</sup> Para a indicação dos desafios o questionário da pesquisa considerou o parágrafo 21 do Documento Final do 1.º Congresso Vocacional do Brasil

<sup>23</sup> Cerca de 7% das respostas apontam a afetividade, a sexualidade do(a) animador(a) como um desafio a ser enfrentado. O testemunho dos que fazem animação vocacional também foi considerado um desafio por cerca de 2% das respostas.

43. Quanto às causas dos problemas indicados, os Regionais se posicionaram de forma bastante diversificada. Entre as principais estão: a) a crise da liberdade; b) a falta de clareza na opção vocacional; c) o escasso investimento na preparação dos animadores e animadoras; d) a pouca preocupação quanto à formação humano-afetiva dos animadores e animadoras; e) a inexistência, em muitas dioceses, de uma animação vocacional mais articulada e mais organizada.

#### f) Pistas de ação

44. Com relação às pistas de ação, o questionário teve por objetivo verificar até que ponto as **propostas operativas** do 1.º Congresso Vocacional já tinham sido assumidas e incorporadas e quais permaneciam ainda como metas (*na tabela 04, pág. 22, a visão geral das respostas*). Quanto às **dimensões eclesiais e formação dos animadores** (*tabela 4.1*), foram assumidas: 1) apoio aos ministérios dos cristãos leigos e leigas (74,80%); 2) estruturação do SAV (57,79%); 3) aumento da consciência e da mentalidade vocacional (49,32%). Permanecem ainda como metas: a) a inculturação em relação às etnias (73,37%); b) a formação dos animadores a animadoras, preparando-os para o diálogo com a cultura urbana (66,49%); c) o aprofundamento da teologia da missão (62%). Acerca da presença da teologia da vocação no currículo das escolas teológicas, 59,38% das respostas dizem que ainda permanece como meta a inclusão desta disciplina nos programas das instituições formativas da Igreja (*cf. tabela 4.4*).

4.1. DIMENSÕES ECLESIAIS E FORMAÇÃO DOS AGENTES	JÁ	AINDA NÃO
Favorecimento dos ministérios leigos (nº 24)	74,80	14,39
Estruturação da Pastoral Vocacional (nº 25)	57,79	37,59
Consciência e mentalidade (nº 23)	49,32	40,49
Formação dos animadores em relação à cultura urbana (nº 26)	28,57	66,49
Aprofundamento da teologia da missão (nº 27)	25,63	62,00
A inculturação em relação às etnias (nº 28)	9,61	73,37

Entre parênteses está a referência ao Documento do Congresso Vocacional do Brasil

45. A forma como tem acontecido a aplicação das propostas é bastante diversificada, incluindo encontros vocacionais, reuniões diocesanas, formação e acompanhamento das Equipes Vocacionais Paroquiais, interação com o Projeto “Ser Igreja no Novo Milênio” e com os movimentos, pastorais, conselhos de leigos, grupos de vocacionados e assim por diante. Vale destacar que a incorporação da animação vocacional na dinâmica evangelizadora

das Igrejas locais e seus projetos, incluindo os conselhos de leigos, indicam certamente um avanço.

46. No que diz respeito à **organização** e às **etapas** do processo vocacional (*tabela 4.2*), os dados também foram muito interessantes e ilustrativos. Na sequência temos: a) o despertar para a animação vocacional desde as etapas iniciais (71,69%); b) o acompanhamento personalizado e grupal dos vocacionados e vocacionadas (55,22%); c) a formação das equipes vocacionais para o acompanhamento (46,73%). Como metas permanecem o envolvimento da comunidade no discernimento vocacional (59,30%) e a formação das equipes vocacionais para o acompanhamento (47,94%).

4.2. ORGANIZAÇÃO E ETAPAS DO PROCESSO VOCACIONAL	JÁ	AINDA NÃO
Despertar para a animação vocacional nas etapas iniciais (nº 29)	71,69	25,84
Acompanhamento personalizado e grupal dos vocacionados (nº 31)	55,22	35,83
Formação das equipes vocacionais para o acompanhamento (nº 32)	46,73	47,94
Envolvimento da comunidade no discernimento vocacional (nº 30)	28,66	59,30

47. A pesquisa mostrou que o modo de fazer o **despertar vocacional** é variado: 1) estudos e encontros de formação; 2) retiros e semanas vocacionais; 3) sensibilização do clero; 4) visitas aos vocacionados e suas famílias; 5) fortalecimento das Equipes Vocacionais e sua participação no processo formativo, através de subsídios e utilização do material existente; 6) celebrações, vigílias, grupos de oração pelas vocações; 7) plantões e atendimento vocacional; 8) cultura da co-responsabilidade no acompanhamento e discernimento. Todavia, têm-se a impressão de que não há muita novidade. Continua a se fazer as mesmas coisas e sempre do mesmo jeito!
48. Quanto à **integração** da PV com outras pastorais, os dados foram bastante indicativos do que já se avançou e das áreas que ainda permanecem descobertas (*tabela 4.3*). Considerou-se como avanços: a) a dimensão vocacional do Ano Litúrgico (61,66%); b) a interação com as pastorais afins: a Juventude, a Família e a Catequese (53,23%); c) a utilização dos espaços nos meios de comunicação (45,09%); d) a interação com a Educação (31,10%). Ao contrário, permanecem ainda como metas e como desafios: 1) a animação vocacional no meio universitário (64,11%); 2) a pastoral do adolescente (62,86%); 3) o despertar vocacional na família (60,68%); 4) a interação da animação vocacional com a política (59,21%).
49. Com relação aos **serviços** e **recursos**, os resultados indicaram metas que ainda devem ser alcançadas e poucas em execução (*tabela 4.4*). A animação vocacional através da Internet ainda é insignificante (7,77%). A falta de uti-

lização deste recurso na animação vocacional é assinalada por 63,10% das respostas. O mesmo acontece em relação ao investimento financeiro no orçamento da diocese, embora com um índice melhor (29,66%). A maioria (51,76%) disse que é preciso investir mais na animação vocacional.

50. O modo de buscar e utilizar recursos é variado: 1) ajuda das dioceses e das paróquias; 2) ajuda pessoal dos bispos; 3) doações e promoções pelas equipes vocacionais; 4) ajuda financeira externa; 5) recursos provenientes do orçamento e do planejamento anual das Igrejas locais; 6) recursos próprios das equipes; 7) promoção da animação vocacional através do **site** da diocese; 7) criação da secretaria do SAV e do centro vocacional diocesano.

4.3. INTEGRAÇÃO E PARCERIA DA PASTORAL VOCACIONAL	JÁ	AINDA NÃO
Destaque da dimensão vocacional no ano litúrgico (nº 40)	61,66	15,12
Integração com as pastorais afins (nº 33)	53,23	44,31
Aproveitamento dos espaços nos meios de comunicação (nº 43)	45,09	31,84
Integração da PV com a Pastoral da Juventude (nº 36)	32,00	39,90
Trabalho, na educação, dos diversos chamados (nº 41)	31,10	42,62
Priorização do despertar vocacional na família (nº 34)	29,46	60,68
Institutos de Vida Consagrada e instâncias pastorais (nº 39)	25,26	37,80
Capacitação dos catequistas na dimensão vocacional (nº 38)	24,91	51,63
Criação e revitalização da pastoral do adolescente (nº 35)	4,93	62,86
Interação entre PV e política (nº 42)	4,31	59,21
Serviço de animação vocacional no meio universitário (nº 37)	1,59	64,11

4.4. SERVIÇOS E RECURSOS	JÁ	AINDA NÃO
Investimento financeiro: está no orçamento da Diocese? (nº 46)	29,66	51,76
PV no <b>site/homepage</b> da Diocese (existe?) (nº 44)	7,77	63,10
Teologia da Vocação e ministérios: no currículo escolar? (nº 45)	0,00	59,38

### g) Parecer global

51. A pesquisa, tendo presente o objetivo do 1.º Congresso Vocacional do Brasil, que foi o de **revitalizar o SAV**, solicitava um parecer global, sintético e objetivo sobre algumas questões. A constatação mais comum foi a que considerou o Congresso um verdadeiro tempo de graça (**kairós**) para a animação vocacional no Brasil. Grandes avanços estariam acontecendo: a) um rosto mais encarnado da animação vocacional; b) crescimento da consciência vocacional da Igreja e maior participação dos cristãos leigos e leigas; c) melhor organização, formação ou reestruturação das equipes vocacionais; d) melhor acolhida do itinerário vocacional; e) interação com outras pastorais e melhor organização da PV.

4. CONCRETIZAÇÃO DAS PISTAS DE AÇÃO		JÁ (%)	AINDA NÃO	BRANCO
1	Favorecimento dos ministérios leigos (nº 24)	74,80	14,39	10,81
2	Despertar para a animação vocacional nas etapas iniciais (nº 29)	71,69	25,84	2,47
3	Destaque da dimensão vocacional no ano litúrgico (nº 40)	61,66	15,12	23,22
4	Estruturação da Pastoral Vocacional (nº 25)	57,79	37,59	4,62
5	Acompanhamento personalizado e grupal dos vocacionados (nº 31)	55,22	35,83	8,95
6	Integração com as pastorais afins (nº 33)	53,23	44,31	2,46
7	Consciência e mentalidade (nº 23)	49,32	40,49	10,19
8	Formação das equipes vocacionais para o acompanhamento (nº 32)	46,73	47,94	5,33
9	Aproveitamento dos espaços nos meios de comunicação (nº 43)	45,09	31,84	23,07
10	Integração da PV com a Pastoral da Juventude (nº 36)	32,00	39,90	28,10
11	Trabalho, na educação, dos diversos chamados (nº 41)	31,10	42,62	26,28
12	Investimento financeiro: está no orçamento da Diocese? (nº 46)	29,66	51,76	18,58
13	Priorização do despertar vocacional na família (nº 34)	29,46	60,68	9,86
14	Envolvimento da comunidade no discernimento vocacional (nº 30)	28,66	59,30	12,04
15	Formação dos animadores em relação à cultura urbana (nº 26)	28,57	66,49	4,94
16	Aprofundamento da teologia da missão (nº 27)	25,63	62,00	12,37
17	Institutos de Vida Consagrada e instâncias pastorais (nº 39)	25,26	37,80	36,94
18	Capacitação dos catequistas na dimensão vocacional (nº 38)	24,91	51,63	23,46
19	A inculturação em relação às etnias (nº 28)	9,61	73,37	17,02
20	PV no site/homepage da Diocese (existe?) (nº 44)	7,77	63,10	29,13
21	Criação e revitalização da pastoral do adolescente (nº 35)	4,93	62,86	32,21
22	Interação entre PV e política (nº 42)	4,31	59,21	36,48
23	Serviço de animação vocacional no meio universitário (nº 37)	1,59	64,11	34,30
24	Teologia da Vocação e ministérios: no currículo escolar? (nº 45)	0,00	59,38	40,62

As três pistas de ação mais concretizadas

As três pistas de ação menos concretizadas (maiores metas)

As três pistas de ação com maior índice de omissão

A pesquisa sobre o Congresso Vocacional do Brasil possibilitou verificar quais as pistas de ação indicadas em seu Documento Final (por isso os números entre parênteses) que foram assumidas ou concretizadas - já - e quais as pistas que permanecem como metas ou desafios - ainda não. Um dado importante, que não se pode desprezar, é a coluna das "omissões" - branco - revelando as três pistas de ação com maior índice de "não-resposta": a) Teologia da Vocação e ministérios no currículo escolar (40,62%); b) integração entre os institutos de vida consagrada e as instâncias pastorais das Igrejas locais (36,94%); c) interação entre PV e política (36,48%). Leia a análise completa sobre as pistas de ação na página 19.

52. Outros aspectos evidenciados foram: a) a participação do clero diocesano na animação vocacional; b) maior cooperação dos superiores de institutos de vida consagrada e de bispos na efetivação das conclusões do Congresso, incluindo aqui a disponibilidade de recursos financeiros; c) a descentralização do poder; d) a desclericalização da animação vocacional; e) a liberação de assessores. Foi significativo o pedido para que a teologia da vocação integre os currículos de teologia e da formação para a vida consagrada, bem como a solicitação da criação de uma cultura vocacional nas comunidades religiosas.
53. Como **perspectiva para os próximos anos**, as respostas da pesquisa sugeriram a elaboração de um plano ou de um guia para os animadores e animadoras vocacionais, a inserção do SAV no projeto diocesano de pastoral e a insistência para que a animação vocacional se torne uma prioridade nacional. Uma outra indicação refere-se ao Ano Vocacional (2003) e ao 2.º Congresso Vocacional (2005). Esses eventos são tidos como providenciais e enriquecedores.

### 1.3. Fazer animação vocacional a partir da realidade

54. A reflexão em torno dos dados da pesquisa de 2001 quer nos ajudar a perceber que a animação vocacional só pode ser feita a partir da realidade. Aliás, todo trabalho de evangelização que não considera o "rosto" concreto das pessoas, ou seja, o contexto onde vai se dar o anúncio, corre o sério risco de não ser bem acolhido. Essa exigência não é motivada apenas pela necessidade de termos um processo pedagógico e uma metodologia mais próxima das pessoas com as quais vamos dialogar. Ela é provocada sobretudo pela convicção de que o cristianismo, enquanto seguimento de Jesus, não propõe uma verdade abstrata nem apenas uma doutrina, mas o seguimento de Alguém que caminha conosco, mesmo que, às vezes, nossos olhos não o reconheçam<sup>24</sup>. Neste sentido, se queremos fazer uma animação vocacional capaz de perceber a presença de Jesus em nosso meio, temos que voltar mais atentamente o nosso olhar para o mundo no qual vivemos.

#### a) O mundo em que vivemos

55. O nosso mundo se caracteriza atualmente pelo fenômeno da **globalização neoliberal do mercado**, a qual gera um novo tipo de totalitarismo, ao pre-

<sup>24</sup> Cf. Lc 24,13-35; CNBB, *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, n.º 4.

tender que todos os povos estejam a serviço do capital financeiro. Seu projeto é a mundialização do mercado que, em nome da liberdade irrestrita de produzir, vender e comprar, coloca o lucro acima da vida<sup>25</sup>. A consequência mais visível da globalização é o fato de ser um sistema **excludente**. Para chegar onde pretende, a globalização neoliberal precisa excluir quem não se integra dentro das regras do mercado, seja porque produz mercadoria lucrativa, seja porque não tem capacidade econômica para se tornar consumidor<sup>26</sup>.

56. A globalização, entendida como “o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista”<sup>27</sup>, torna-se possível devido à interação entre tecnologia e informação<sup>28</sup>. Ela produz eficiência econômica, mas subordina as demais esferas do humano, inclusive a própria vida em si, às normas do econômico. Enquanto sistema excludente, a globalização difunde a **insensibilidade**, levando as pessoas a se tornarem indiferentes diante dos problemas e dos sofrimentos dos demais seres humanos. Passa a vigorar a lei da **concorrência**, obrigando o indivíduo a pensar antes em si mesmo e ver no outro o concorrente a ser derrotado. A falta de sensibilidade, por sua vez, costuma fazer-se acompanhar do **cinismo**, do desprezo e do **preconceito** contra aqueles que reclamam da situação, tentam sobreviver e lutam por um espaço na sociedade<sup>29</sup>.
57. Ao colocar o econômico em primeiro lugar, a globalização neoliberal se revela como um sistema que provoca uma **crise** muito forte da **dimensão espiritual**. Ela conduz a um estilo de vida onde os valores não vão além do cotidiano, do banal e do imediato. Junto com esta crise de espiritualidade aparece a **falta de ética**, ou, se quisermos, a ética utilitarista. Tudo é lícito, tudo é permitido, desde que sejam respeitadas as regras do mercado: o direito irrestrito à propriedade, a liberdade de vender e comprar, e o cumprimento dos contratos. Atribuindo “um papel central ao dinheiro nas suas diferentes manifestações”<sup>30</sup>, a globalização neoliberal incentiva a competição e o consumo, truncando todas as formas de solidariedade. Faz as pessoas voltarem-se para si mesmas, para os próprios interesses, estimulando o **cultivo do individualismo** arrebatador e possessivo. Consequentemente há um desinteresse pela coisa pública e a cidadania não ocupa mais espaço na vida dos

<sup>25</sup> Cf. SANTAYANA M., Um tempo intolerável, em *Correio Brasiliense*, 25/04/2001, p. 5.

<sup>26</sup> A respeito da globalização veja-se SANTOS M., *Por uma outra globalização*. Do pensamento único à consciência universal, Record, Rio de Janeiro/São Paulo, 2001<sup>5</sup>.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 23.

<sup>28</sup> Sobre estas e outras questões da globalização veja-se MO SUNG, J., Cinismo e solidariedade na globalização, em *Espaços* 8/1 (2000), pp. 37-47.

<sup>29</sup> Cf. *ibid.*, pp. 39-43.

<sup>30</sup> SANTOS, M., *Por uma outra globalização*, p. 56.

membros de uma comunidade. Neste contexto é que deve ser visto o processo de implantação da ALCA<sup>31</sup>, a qual não é apenas um acordo comercial para eliminar barreiras comerciais, mas um verdadeiro plano estratégico das empresas norte-americanas para tentar impor seus interesses a todo o continente.

### **b) A situação do Brasil**

58. No Brasil as consequências da globalização neoliberal são visíveis. Lembremos aqui apenas algumas delas<sup>32</sup>. Antes de mais nada temos a “financeirização da economia”. Ao invés de produzir, investe-se cada vez mais no mercado financeiro. Desta forma, grande volume de recursos é desviado da área social para o pagamento aos credores internacionais. Assim, setores como a saúde, a educação, a moradia, o transporte público, ficam cada vez mais desprotegidos. Isso favorece a concentração da renda nas mãos de uma elite sempre mais rica, acirrando ainda mais a desigualdade entre as camadas da população, formando um verdadeiro “apartheid social”. Como expressão visível desta realidade temos atualmente o drama de dezenas de milhões de brasileiros vítimas da fome, sem renda suficiente para comprar a comida necessária e que o mercado oferece<sup>33</sup>.
59. A animação vocacional terá que considerar essa questão da globalização neoliberal. Em primeiro lugar porque esta é imoral. E não encarar esse desafio com seriedade significa compartilhar de uma inversão ética incompatível com o Evangelho. Além do mais, a globalização interfere profundamente na dinâmica do itinerário vocacional, particularmente no que diz respeito ao discernimento<sup>34</sup>. Gera, entre outras coisas, o individualismo exacerbado, a arrogância e a pretensão de eficiência; favorece o espírito de concorrência, a sensação de incompetência e de irresponsabilidade coletiva. Ela tem o padrão de consumo como critério central de construção da identidade pessoal e grupal<sup>35</sup>. Tende a desvalorizar a cultura local e a ver o pobre, aquele que não tem, como **não-pessoa**. Todas essas coisas criam sérias dificuldades para a opção vocacional.

<sup>31</sup> Área de Livre Comércio das Américas. A respeito da ALCA veja-se CAMPANHA NACIONAL CONTRA A ALCA (Org.), *Soberania sim, Alca não!* Análises e documentos, Expressão Popular, São Paulo, 2002.

<sup>32</sup> Cf. SETOR PASTORAL SOCIAL – CNBB, *O que é Pastoral Social?*, Loyola, 2001, pp. 12-15.

<sup>33</sup> Cf. CNBB, *Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome*, Paulinas, São Paulo, 2002, nn. 11-17.

<sup>34</sup> Cf. OLIVEIRA, J. L. M. DE, Os desafios da globalização para a pastoral vocacional, em *Espírito* 87 (dezembro de 2001), pp. 5-13.

<sup>35</sup> Cf. MO SUNG, J., Cinismo e solidariedade na globalização, p. 42.

### c) Um mundo novo é possível

60. A situação do mundo e do Brasil é grave. Mas observadores atentos dizem que há uma **transição** em marcha<sup>36</sup>, permitindo-nos sonhar e participar da construção de uma realidade nova. Diante da ditadura hegemônica do capital começam a surgir reações significativas às imposições do mercado. Há, mesmo que ainda de forma bem sutil, um movimento mundial que insiste em lutar para que a centralidade ocupada pelo dinheiro seja substituída pela prevalência da pessoa humana<sup>37</sup>. Tal movimento está nascendo na periferia do mundo, fazendo ressurgir um certo dinamismo dos países mais pobres, ganhando, cada dia mais, a simpatia de pessoas e instituições dos países mais ricos. De certa forma percebe-se a pertinência da **utopia**, fazendo-nos crer que o atual fenômeno da globalização neoliberal não é irreversível, que é possível **globalizar a solidariedade**. A isso vem se juntar o esforço para implementar outras formas possíveis das técnicas atuais, favorecendo a vida humana, a solidariedade e a preservação do planeta.
61. Aqui em nosso país vemos crescer a atuação de **novos atores sociais**, conscientes da responsabilidade que têm “como cidadãos protagonistas de um mundo novo”<sup>38</sup>. O povo continua firme na luta pela sobrevivência, criando alternativas para responder aos desafios e às necessidades<sup>39</sup>. Muitas destas iniciativas sociais têm contado com o incentivo e a participação das comunidades cristãs ou de grupos de cristãos<sup>40</sup>. A Igreja Católica frequentemente lança ou apoia iniciativas, visando a eliminação de tantos dramas que atormentam boa parte da nação brasileira<sup>41</sup>.
62. Toda vocação é um chamado à vida. A animação vocacional, enquanto dimensão essencial da Igreja e da sua missão evangelizadora, precisa engajar-

<sup>36</sup> Cf. SANTOS M., *Por uma outra globalização*, pp. 141-174.

<sup>37</sup> Entre as expressões mais significativas deste movimento mundial convém destacar a realização dos Fóruns Sociais Mundiais. Existe já a convicção de que estes eventos estão se tornando verdadeiros *instrumentos privilegiados de persuasão*, novos paradigmas de ação política transformadora mundial. Além disso, “vemos emergir, em meio a sinais sombrios, um crescimento da consciência dos Direitos Humanos; a sede de participação, sobretudo das mulheres e dos jovens; a luta contra toda a forma de discriminação e um maior reconhecimento do pluralismo étnico e cultural; o respeito ao ecossistema e à vida” (CNBB, *Eleições 2002*. Propostas para reflexão, Paulinas, São Paulo, 2001, n.º 18).

<sup>38</sup> *Ibid.*, n.º 20.

<sup>39</sup> Cf. *ibid.*, n.º 21.

<sup>40</sup> Cf. *ibid.*, n.º 22.

<sup>41</sup> Cf. CNBB, *Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome*, nn. 58-65. Lembramos, entre outras iniciativas, o grito dos excluídos; o abaixo-assinado contra a corrupção eleitoral, que deu origem à Lei n.º 9.840; o plebiscito sobre o pagamento da dívida externa; o mutirão para a superação da fome e da miséria e o plebiscito sobre a ALCA.

se plenamente neste movimento em favor de um outro mundo. Essa participação decorre antes de tudo da consciência de que os cristãos, “de acordo com a vocação à qual cada um foi chamado” (GS, 43), são vocacionados a tomar parte ativa na construção de uma nova civilização. A resposta ao chamado divino, a um tipo de vocação específica na Igreja, acontece sobre o alicerce de uma vida em plenitude. A partir desta perspectiva, deve-se encarar como natural e como atividade da animação vocacional a formação para o exercício pleno da cidadania<sup>42</sup>.

### d) O SAV situado em uma realidade urbana

63. Após estas considerações sobre a situação mundial e nacional, convém agora voltar o nosso olhar para um outro aspecto da realidade do nosso país: o fenômeno da **urbanização**<sup>43</sup>. Trata-se da existência de um processo acelerado de mudanças culturais, onde **o urbano determina o ritmo da vida**, inclusive daquelas pessoas que estão no campo. Essas mudanças são difundidas de forma rápida pela influência da tecnologia, da mídia e da informática, as quais chegam com muita velocidade aos lugares mais distantes do nosso país<sup>44</sup>. Por isso, no âmbito do SAV, insiste-se sobre a urgência de “uma pastoral vocacional atenta à cultura urbana, englobando as questões sociais e as da pós-modernidade”<sup>45</sup>.
64. Neste sentido, a problemática não gira tanto em torno da localização da população, mas da convicção generalizada de que continuamos a utilizar “uma linguagem rural nos centros urbanos”<sup>46</sup>, incapaz de ser compreendida até mesmo por quem ainda está morando no campo. Neste momento **o desafio maior para o SAV é encontrar “um processo de inculturação mais adequado à juventude, destacando a questão da linguagem, dos símbolos, dos paradigmas e da comunicação dos animadores e animadoras”**<sup>47</sup>. Formar e preparar bem os animadores e animadoras vocacionais “para o diálogo com a cultura urbana, buscando conhecer melhor os valores da cidade”<sup>48</sup>.

<sup>42</sup> Cf. OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Pastoral Vocacional e cultura urbana*. Desafios e perspectivas de interação, IPV/Loyola, São Paulo, 2000, pp. 65-77.

<sup>43</sup> Sobre o impacto da urbanização no processo de evangelização veja-se CNBB, *Diretrizes Gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 1999-2002*, Paulinas, São Paulo, 1999, pp. 75-76; LIBANIO, J. B., *As lógicas da cidade*. O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé, Loyola, São Paulo, 2001.

<sup>44</sup> Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 1999-2002*, nn. 134-147.

<sup>45</sup> CVB, n.º 18.

<sup>46</sup> CVB, n.º 7.

<sup>47</sup> CVB, n.º 21.

<sup>48</sup> CVB, n.º 26.

#### 1.4. Lendo a história da PV e a pesquisa

65. Após estas considerações sobre a realidade, importa agora fazermos uma leitura de alguns elementos apontados tanto pela história como pela pesquisa realizada. Nesta leitura será possível identificar algumas **luzes** e algumas **questões emergentes** que deverão estar entre as principais preocupações da animação vocacional.

##### a) As luzes

66. As luzes<sup>49</sup> podem ser consideradas como experiências vividas e que estão contribuindo para dar um rosto novo ao serviço de animação vocacional. A primeira delas, mais eclesial, é a **ministerialidade** da Igreja. Esta, sem dúvida, é uma experiência rica e bastante significativa. Uma Igreja que se coloca no mundo com o único compromisso: servir. O Vaticano II, Medellín, Puebla, criaram em nosso meio um clima de comunidade cristã “toda ministerial”, mais evangélica, **“inteiramente voltada para o serviço”**, onde **“todos os cristãos são chamados a participar ativamente da missão da Igreja”**, numa “atitude de serviço humilde, como a de Cristo”<sup>50</sup>. A urgência de uma Igreja aberta à diversidade de ministérios foi reafirmada mais recentemente no 15.º Encontro Nacional de Pastoral Vocacional<sup>51</sup>.

67. A segunda luz, fruto deste clima, é a necessidade de **caminharmos juntos** “expressando a comunhão e co-responsabilidade nos diferentes serviços e ministérios”<sup>52</sup>. Este apelo, no sentido de encarar a vocação como chamado para a “comunhão e participação”<sup>53</sup>, não pode ser deixado de lado. Cabe ao SAV deste início de milênio educar os vocacionados e vocacionadas para a vida de comunhão e de participação. Trata-se de “ressaltar igualmente o **caráter colegial** dos ministérios, evitando as tentações de personalismo e autoritarismo, que dividem a comunidade em lugar de edificá-la”<sup>54</sup>.

68. Além dessas duas luzes, há outras que precisam ser ressaltadas durante o Ano Vocacional. Em primeiro lugar a **consciência** “de que todos somos animadores vocacionais”<sup>55</sup>. Como afirmou João Paulo II, é urgente “que se di-

funda e se radique a convicção de que **todos os membros da Igreja, sem exceção, tem a graça e a responsabilidade do cuidado pelas vocações**” (PDV, 41). Em segundo lugar, deve ser apontado aquilo que se poderia chamar de aumento da **“catolicidade”** do SAV, ou seja, a realização de uma animação vocacional voltada para a promoção de todas as vocações. Considera-se como muito positivo a superação da concepção de PV apenas como “recrutamento” de candidatos para os seminários diocesanos e para as casas religiosas.

69. Constata-se um grande avanço na **eclesialidade** da PV. Puebla afirmou que a animação vocacional visa “impulsionar, coordenar e ajudar a promoção e amadurecimento de todas as vocações” (P, 881). A CNBB, por ocasião do primeiro Ano Vocacional (1983), insistiu para que a animação vocacional suscitasse vocações “de serviço ao Reino”<sup>56</sup>. O fortalecimento dessa mentalidade ajuda a vencer a possível tentação de confundir animação vocacional com a pura e simples “Obra das Vocações Sacerdotais”<sup>57</sup>. Embora se deva continuar com a preocupação de suscitar mais vocações presbiterais, é importante não deixar de lado todas as demais.

70. Um terceiro elemento positivo a ser dinamizado é a **multiplicação**, de forma bastante criativa e diversificada, de “subsídios, encontros, cursos e escolas vocacionais, grupos de vivência e de experiência missionária”<sup>58</sup>. Nos anos que se seguiram ao Vaticano II conseguimos transformar a animação vocacional num verdadeiro “laboratório” de idéias e de iniciativas valiosas<sup>59</sup>. Num mundo acelerado, que tem pressa, a animação vocacional precisa continuar com essa fecundidade, com muita criatividade, buscando novas alternativas para a sua missão na Igreja e na sociedade<sup>60</sup>.

71. E por fim, um ganho para o SAV foi o fato de muitos cristãos leigos e as leigas terem “assumido, com entusiasmo, sua missão de animadores vocacionais”<sup>61</sup>. Isso tem contribuído para a revitalização da atividade vocacional e para o seu dinamismo. O 2.º Congresso Internacional das Vocações, realizado em Roma no ano de 1981, chamava a atenção para o fato de que os cristãos leigos, com o “exemplo de vida, a seriedade profissional, a ação apostólica terão um reflexo favorável em muitas pessoas, especialmente entre os

<sup>49</sup> Cf. CVB, nn. 4-5.

<sup>50</sup> CNBB, *Vida e ministério do presbítero*, nn. 133-134

<sup>51</sup> A este propósito veja-se CNBB-SVM-GAV, *Ministerialidade da Igreja e Ministérios*. Conclusões do 15.º Encontro Nacional de Pastoral Vocacional, Brasília, 2001.

<sup>52</sup> CVB, n.º 4.

<sup>53</sup> Cf. Puebla, nn. 852-853; OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Teologia da Vocação*. Temas fundamentais, IPV-Loyola, 1999, pp.19-46.

<sup>54</sup> CNBB, *Vida e ministério do presbítero*, n.º 155.

<sup>55</sup> CVB, n.º 5.

<sup>56</sup> CNBB, *Guia pedagógico de pastoral vocacional*, p. 52.

<sup>57</sup> Cf. SD, 78-84; OLIVEIRA, J. L. M. DE, *A vocação em Santo Domingo*, pp. 15-16.

<sup>58</sup> CVB, n.º 5.

<sup>59</sup> Cf. MAIA, G. L., *A caminhada da Pastoral Vocacional no Brasil*, em *Espírito 70* (setembro de 1997), pp.20-28.

<sup>60</sup> Cf. OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Pastoral Vocacional e Cultura Urbana*, pp. 83-84.

<sup>61</sup> CVB, n.º 5.

jovens, mesmo no que se refere às opções consagradas ao serviço da comunidade”<sup>62</sup>.

72. Não se pode deixar de lembrar que a pesquisa evidenciou a ausência de uma teologia do Batismo, base de sustentação da consciência vocacional da Igreja, do impulso para vivermos o chamado universal à santidade<sup>63</sup>. Da vocação batismal nascem todas as outras vocações, os ministérios e os serviços, sem os quais não há comunidade eclesial verdadeira. Por fim, se há de lembrar a insistência com a qual os resultados da pesquisa falaram da questão da sexualidade e da afetividade dos vocacionados. Os fatos recentes, envolvendo alguns presbíteros, mostram que esta questão precisa ser tratada com mais seriedade pelos que estão comprometidos com a animação vocacional<sup>64</sup>.

### b) Questões emergentes

73. A experiência nos ajuda a perceber “que ainda há muitas sombras que atrapalham a caminhada”<sup>65</sup>. Antes de tudo o problema da **falta de uma pastoral orgânica**, de linhas e de ações comuns, dando margem para que cada um faça o que quer, criando uma grande confusão. Uma outra sombra é a falta de **testemunho**. Nos encontros, congressos, reuniões, simpósios, assembleias esta questão volta inúmeras vezes. Isso é extremamente grave e não pode ser deixado de lado. Algo tem que ser feito, uma vez que se trata da porta de entrada, da regra de ouro de todo verdadeiro SAV (VC, 64). O Ano Vocacional deve se tornar uma ocasião propícia para buscar uma avaliação deste fenômeno, que certamente está relacionado com tantos outros.
74. Algo que também é levantado e questionado com muita frequência é o fato de que a mulher “não é suficientemente valorizada na Igreja e nem reconhecida pela contribuição que oferece”<sup>66</sup>. Num mundo em que, a cada instante, vai se firmando o repúdio contra toda e qualquer discriminação da mulher, a animação vocacional é convidada a rever tal situação. Ultimamente isso tem se agravado ainda mais devido ao crescente autoritarismo de alguns ministros ordenados. O mais angustiante é que se constata o problema, mas faltam coragem para assumir posturas mais coerentes<sup>67</sup>.

<sup>62</sup> 2.º CIV, n.º 38.

<sup>63</sup> Cf. CVB, n.º 11.

<sup>64</sup> Cf. NASINI, G., *Um espinho na carne*. Má conduta e abuso sexual por parte de clérigos da Igreja Católica no Brasil. Visão geral das questões relacionadas e pertinentes, Santuário, Aparecida, 2001.

<sup>65</sup> CVB, n.º 6.

<sup>66</sup> CVB, n.º 6.

<sup>67</sup> No âmbito da animação vocacional “permanece aberta a questão feminina, que não encontrou ainda uma solução verdadeira, de um modo particular nos nossos ambientes de Igreja. Além

75. Portanto, a pergunta de fundo, que precisa ser feita com muita humildade, mas também com bastante coragem, é se as mulheres, pelo simples fato de **serem mulheres**, não são chamadas por Deus para diversos serviços e ministérios na Igreja. E o que está por detrás deste questionamento é a certeza de que “a vocação para o ofício não é opção de alguns cristãos ou de algumas cristãs, mas constitui parte essencial da existência cristã, que busca adquirir forma como participação no serviço de Cristo”<sup>68</sup>.

76. Na esteira do que foi dito, relembramos alguns **entraves** revelados pela realidade, destacados em muitas ocasiões. São eles: a) o clericalismo; b) a falta de profecia na Igreja; c) o “proselitismo vocacional”<sup>69</sup> de algumas congregações, dioceses e movimentos; d) a falta de preocupação com a qualidade; e) formação distante da realidade; f) a fragilidade da experiência cristã de muitos jovens, especialmente os que chegam dos movimentos; g) a sobrecarga e o despreparo dos animadores e animadoras vocacionais; h) a falta de adultos (cristãos leigos e leigas, da vida consagrada e do clero) preparados para o acompanhamento aos grupos de jovens<sup>70</sup>. Estas questões pedem respostas imediatas, inadiáveis. Parece ficar cada vez mais clara a urgência de uma evangelização inculturada. Além disso, precisamos repensar o verdadeiro lugar do ministério ordenado na dinâmica de uma Igreja chamada a ser toda ministerial, servidora da humanidade, onde cada membro ocupa o seu espaço específico. Além do espaço específico desses ministérios, faz-se necessário encontrar o jeito mais evangélico do seu exercício. Como se vê, são coisas muito sérias, uma vez que a experiência está demonstrando que elas emperram a realização de uma animação vocacional mais de acordo com o projeto do Reino, sob a luz do seguimento de Jesus.
77. Cabe à animação vocacional contribuir para o surgimento de um estilo de vida cristã que esteja sempre mais afinado com a proposta do Evangelho.

disso, entrava tudo uma falta de agilidade, que muitas das nossas estruturas, ao menos à primeira impressão, apresentam e que contrasta nitidamente com as aspirações que as jovens alimentam, não só de independência, de realização de si, mas também de simplicidade e de fraternidade nas relações, pelo que só algumas é que conseguem ultrapassar a fachada exterior e colher-lhe os valores. A questão acerca da mulher e da Igreja deixa fora uma parte das jovens” (DPVIP, n.º 82), as quais não aceitam o modo como, muitas vezes, a instituição eclesial trata a vocação feminina.

<sup>68</sup> Cf. MEYER-WILMES, H., Da variedade de ofícios numa Igreja pós-moderna, em *Concilium* 281 (1999/3), pp. 78-100. Aqui p. 94.

<sup>69</sup> Com essa expressão entende-se falar da atitude de algumas congregações religiosas e de alguns seminários diocesanos que costumam reduzir a animação vocacional ao simples “recrutamento” de candidatos e candidatas para os seus quadros. Tal recrutamento é feito quase sempre através de um marketing bem elaborado, pelo qual tenta-se convencer as pessoas, inclusive por meio das vantagens oferecidas.

<sup>70</sup> Cf. CVB, nn. 6-7.

Uma vez que a dimensão vocacional da Igreja é responsável pelo surgimento e preparação dos futuros evangelizadores, toca-nos o dever de insistir nesta direção, jamais desistindo daquilo em que acreditamos. É também uma questão de fé e de esperança: saber que a semente lançada vai dar frutos um dia (cf. Hb 10,35-36). Por fim, num contexto onde a miséria e a fome ceifam diariamente milhares de vida, a nossa animação vocacional deve ser capaz de gerar vida. Não devemos recuar diante das dificuldades e dos sofrimentos, pois sabemos que nenhum mal, por maior que seja, irá nos vencer<sup>71</sup>. Precisamos, pois, avançar “para águas mais profundas” (Lc 5,4).

### PROPOSTAS PARA A EQUIPE VOCACIONAL LOCAL

1. Realizar com a comunidade (paróquia e/ou diocese) um estudo de todo o texto-base. Esse estudo, se possível, seja feito antes da abertura do Ano Vocacional (12 de janeiro de 2003).
2. Em seguida, considerando apenas a primeira parte do texto-base, tomar conhecimento da situação real da comunidade (contexto sócio-político-econômico, vida eclesial, animação vocacional). Ver quais são as luzes e as principais dificuldades. Conversar bastante sobre isso. Decidir o que é do consenso de todos.
3. A partir dos dados obtidos, elaborar um grande painel com um rosto humano, no qual se possa colocar esses dados. No final da celebração de abertura do Ano Vocacional (12 de janeiro de 2003), afixar este painel em um lugar bem visível, explicando para toda a comunidade o que ele significa.
4. Colocar junto ao painel uma caixa, pedindo às pessoas da comunidade que acrescentem outras luzes e dificuldades.
5. Antes do início da Campanha da Fraternidade, reunir a equipe vocacional e conversar novamente sobre os acréscimos feitos pelas pessoas da comunidade.
6. Acrescentar ao painel as sugestões da comunidade. Na Quarta-feira de Cinzas colocar o cartaz da CF-2003 no painel vocacional, incentivando a participação de todas as pessoas na Campanha da Fraternidade, comprometendo-se com a grande vocação à vida.

<sup>71</sup> MAIA, G. L., *Vinde e vede. Uma Leitura Vocacional do Quarto Evangelho*, IPV, São Paulo, 2000, pp. 95-107.

## 2. NOVOS TEMPOS PARA A ANIMAÇÃO VOCACIONAL REFLEXÃO BÍBLICA A PARTIR DA REALIDADE

*“Sentado, desde o barco, ensinava as multidões” (Lc 5,3b)*

78. Considerando o rosto atual da animação vocacional no Brasil, queremos agora buscar algumas luzes que nos ajudem a ver melhor os avanços que fizemos e ainda precisamos fazer. Isso será feito a partir da releitura vocacional da Bíblia e do ensinamento do concílio Vaticano II.

### 2.1. Jesus, vocacionado do Pai, nas águas do Jordão<sup>72</sup>

79. Começamos olhando para o próprio Cristo, lembrando a cena simples, profundamente significativa, descrita pelo evangelista Marcos: “Jesus veio de Nazaré da Galiléia e foi batizado...” (Mc 1,9). Jesus proclama e difunde a Boa Nova do Reino não somente por meio de palavras, mas sobretudo por meio de suas ações (Mt 4,23-25), de forma que nele pode se verificar a existência de uma unidade profunda entre o falar e o agir. Suas palavras agem tanto quanto seus atos e seus atos falam tanto quanto suas palavras. De fato “ele, desde o começo, fez e ensinou” (At 1,1), “fez o bem a todos” (At 10,38).

#### a) O batismo de Jesus

80. Pelas suas ações, bem como pelas suas palavras, Jesus revelou-nos, desde o início, a sua identidade, a sua autoridade e a sua missão. A cena do seu batismo, acontecido à margem do rio Jordão, no início da sua vida pública, se inscreve bem dentro desta perspectiva. É que, na verdade, trata-se de uma

<sup>72</sup> Cf. GUIMARÃES, P. B., *Os sacramentos como atos eclesiais e proféticos. Um contributo ao conceito dogmático de sacramento, à luz da exegese contemporânea*, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1998, pp. 350-359.

cena muito simples, que chegou a nós através de um escrito muito sintético. Apesar de toda esta sobriedade, trata-se de uma ação simbólica e profética muito rica em conteúdo teológico para um trabalho de animação vocacional.

81. Jesus, recebendo um batismo destinado a pecadores em processo de conversão, com este seu gesto se solidariza com eles e manifesta a sua firme decisão de não mais se separar deles. Seu batismo é uma espécie de batismo da humanidade e antecipação da sua paixão redentora<sup>73</sup>. E isto vai servir de referencial para toda a sua vida, inclusive para a sua morte. Por ele haverá de viver, morrer e ressurgir (cf. Lc 12,50). Jesus aderiu tão fortemente ao batismo de João que abandona a sua casa e a sua profissão e começa a anunciar o Reino de Deus (Mc 1,14-15). Levou-o tão a sério a ponto de, mais tarde, também batizar (Jo 3,22; 4,1-2) e mandar os seus discípulos fazerem a mesma coisa (Mt 28,19). Em Jesus a sua ação precede a exigência de se realizar o que ele fez e ensinou.
82. **“Tu és meu Filho amado; em ti está o meu agrado”** (Mc 1,9). O batismo cristão, e seu efeito salvífico, tem raízes no batismo de Jesus<sup>74</sup>. É esta mesma realidade teológica que se concretiza no dia a dia de cada batizado. Todo aquele que, como Jesus, é submergido nas águas batismais, é também chamado de “filho amado”, ungido pelo Espírito e enviado a cumprir atos de justiça. O batismo de Jesus revela a existência de três elementos que são fundamentais para o batismo cristão. Primeiro, a sua própria vinda, de Nazaré ao Jordão, é um sinal indicativo do seu chamado a salvar a humanidade: “Jesus veio...”, livremente. Em segundo lugar, a voz vinda do alto – sinal de que Deus volta a falar – é um indicativo da sua divindade e identidade vocacional: Jesus é o Filho Amado de Deus. Por fim, o terceiro elemento é sinal indicativo da sua autoridade: “nele está o meu agrado”, porque executará o projeto de Deus<sup>75</sup>.
83. O batismo faz de Jesus o vocacionado por excelência do Pai. E doravante vai ser, viver e agir em conformidade com aquilo que lhe é próprio, como Filho

<sup>73</sup> Cf., FEUILLET, A., Le baptême de Jesus, em *Revue Biblique* 71 (1964), 321-352; La personnalité de Jesus entrevue a partir de sa soumission au rite de repentance du précurseur, em *Revue Biblique* 77 (1970), 38-39.

<sup>74</sup> “Cristo é iluminado no batismo, recebemos com ele a luz; Cristo é batizado, desçamos com ele às águas para com ele subirmos” (Cf. Sermões de São Gregório de Nazianzo, Liturgia das Horas, Vol. 1, p. 574). Sobre o efeito salvífico do seu batismo, na festa da Epifania, a antífona do Cântico evangélico das Vésperas, diz o seguinte: “Recordamos neste dia três mistérios: Hoje a estrela guia os Magos ao presépio. Hoje a água se fez vinho para as bodas. Hoje Cristo no Jordão é batizado para salvar-nos” (Cf. Liturgia das Horas, Vol. 1, p. 519).

<sup>75</sup> Veja a propósito o comentário a este versículo (Mc 1,11), feito pela Bíblia Sagrada, tradução da CNBB.

de Deus e Salvador. Nele a humanidade é chamada à santidade, a criar uma identidade vocacional e a assumir uma missão. Como o batismo de Jesus no Jordão representou o início da sua missão profética, para a revelação da sua divindade e identidade, da sua autoridade e da sua missão salvífica, assim o batismo cristão é a fonte e a origem de todas as vocações<sup>76</sup>.

### b) O nosso batismo

84. O nosso batismo, sendo o ato litúrgico de iniciação no cristianismo, é também um ato pelo qual somos incorporados e configurados a Jesus Cristo. Pelo mergulho na fonte batismal os homens e as mulheres são sepultados com Cristo na sua morte para serem pessoas ressuscitadas, plenas de vida (cf. Rm 6,1-11). Pela água da fonte batismal as pessoas são enxertadas em Cristo (cf. Rm 6,3), inseridas no seu Corpo (cf. 1Cor 12,13) para, na diversidade de carismas (cf. 1Cor 12,4-31), servirem à comunidade e à humanidade. “O Batismo significa e realiza uma incorporação, mística, mas real, no corpo crucificado e glorioso de Jesus”<sup>77</sup>. Portanto, o Batismo é a fonte da comum dignidade dos cristãos e da legitimidade da diversidade das vocações e dos ministérios (cf. LG, 32).
85. Redimidos e justificados, estamos habilitados a produzir, em abundância, frutos de justiça. No momento em que a Igreja pronuncia liturgicamente a fórmula que rememora a ação de Jesus: - **“eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...”** - , o cristão é inserido não somente em uma comunidade humana imperfeita, como é a Igreja, por mais santa que seja, mas em uma comunhão trinitária.
86. O cristão, pelo batismo, é vocacionado, chamado pelo Pai a ser ouvinte da Palavra. Adotado como filho bem amado e justificado dos seus pecados, é incorporado a Jesus Cristo. Ungido pelo Espírito para a missão é inserido na Igreja. No batismo, a mesma voz que um dia foi ouvida, declarando Jesus Filho amado, é ouvida por nós. O mesmo Espírito que o ungiu e o enviou em missão (cf. Lc 4,18-19), nos unge e nos consagra para vivermos uma vida nova (At 2,17). A missão de Jesus dá sentido, acompanha e impulsiona o envio missionário<sup>78</sup> do cristão ao mundo (Mt 28,19-20).
87. No final do evangelho de Mateus (Mt 28,19) e de Marcos (Mc 16,16), Jesus ordena aos seus discípulos: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se

<sup>76</sup> Cf. CVB, n.º 11.

<sup>77</sup> JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici*, n.º 12.

<sup>78</sup> Cf. GOEDERT, V. M., Batismo e missão, em SILVA, J. A. – SIVINSKI, M., *Liturgia: um direito do povo*, Vozes, Petrópolis, 2001, pp. 96-108.

tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Os discípulos partem para a missão e batizam as pessoas que abraçam a fé, cumprindo o mandato do Mestre e recordando a cena realizada às margens do rio Jordão, onde o próprio Jesus se fez batizar por João Batista<sup>79</sup>. A observação do ministério de Jesus, desde o seu batismo, abre novos horizontes para a animação vocacional.

88. Jesus se fez batizar para mostrar o seu compromisso de amor com toda a humanidade. Seu batismo indica ainda o compromisso com a justiça defendida por João Batista e por todos os profetas. Depois de ser batizado, Jesus iniciou um novo e decisivo caminho de fidelidade ao Pai.
89. O batismo de Jesus manifesta a sua vocação profética e a sua relação amorosa com o Pai. Também o nosso batismo expressa essa relação de amor entre os seguidores de Jesus e o Pai, o qual adota todos como filhos, chamados a construir e habitar no Reino. O batismo é o alicerce da vida cristã e permite compreender a Igreja como a comunidade dos batizados, seguidores de Jesus, abertos à luz do Espírito que nos conduz na missão evangelizadora<sup>80</sup>.

### *c) Batismo: fonte de todas as vocações*

90. Todos os vocacionados e vocacionadas, ao serem batizados, recebem o mesmo Espírito que animou a vida de Jesus. Os batizados são movidos pelo Espírito que é a força do Pai, geradora de vida no seio de Maria. Deste modo, os cristãos, vivendo segundo o Espírito, assumem, como Jesus, o Verbo que se fez carne, os desafios da humanidade. O centro da vida de todos os batizados é a pessoa de Jesus e sua proposta transformadora de amor e de justiça. Portanto, “pelo batismo somos libertados do pecado e regenerados como filhos de Deus; tornando-nos membros de Cristo, somos incorporados à Igreja e feitos participantes de sua missão”<sup>81</sup>.
91. Neste ano vocacional avancemos para águas mais profundas, transformando as nossas pias batismais em fontes de todas as vocações. O Batismo certamente está na origem de todas as vocações, mas ele precisa ainda ser redescoberto como chamamento divino que nos incorpora ao Povo de Deus, nos habilita para a comunhão, a participação e a missão (P, 852). Por isso é indispensável que o SAV tenha a coragem de “desenvolver a vida do batismo

<sup>79</sup> O Batismo de Jesus foi um gesto tão significativo para ele e para toda comunidade cristã que foi recordado pelos quatro evangelistas (cf. Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22; Jo 1,29-34).

<sup>80</sup> Cf. CVB, n.º 11.

<sup>81</sup> Catecismo da Igreja Católica, n.º 1213.

pela qual nos tornamos filhos” (P, 295). É preciso que o Batismo passe a ser, de fato, a raiz e o significado da vocação e da missão dos cristãos e cristãs (P, 786).

## **2.2. Em atenção à Palavra**

92. Além dessas reflexões sobre o batismo de Jesus e sobre o nosso batismo, é necessário meditar um pouco sobre o texto de Lucas que inspirou o lema deste Ano Vocacional<sup>82</sup>. O contato com esta página do terceiro Evangelho vai oferecer a fundamentação para ações mais corajosas e mais audazes no campo da animação vocacional. Vai nos permitir **avançar**, abraçando iniciativas e assumindo compromissos que darão ao serviço vocacional de nossas Igrejas mais ânimo e mais entusiasmo.

### *a) O texto (Lc 5,1-11)*<sup>83</sup>

93. “<sup>1</sup>Certo dia, Jesus estava à beira do lago de Genesaré, e a multidão se comprimia a seu redor para ouvir a Palavra de Deus. <sup>2</sup>Ele viu dois barcos à beira do lago; os pescadores tinha descido e lavavam as redes. <sup>3</sup>Subiu num dos barcos, o de Simão, e pediu que se afastasse um pouco da terra. Sentado, desde o barco, ensinava as multidões. <sup>4</sup>Quando acabou de falar, disse a Simão: ‘Avança mais para o fundo, e ali lançaí vossas redes para a pesca’. <sup>5</sup>Simão respondeu: ‘Mestre, trabalhamos a noite inteira e não pegamos nada. Mas, pela tua palavra, lançarei as redes’. <sup>6</sup>Agindo assim, pegaram tamanha quantidade de peixes que as redes se rompiam. <sup>7</sup>Fizeram sinal aos companheiros do outro barco, para que viessem ajudá-los. Eles vieram e encheram os dois barcos a ponto de quase afundarem. <sup>8</sup>Vendo isso, Simão Pedro caiu de joelhos diante de Jesus, dizendo: ‘Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador!’. <sup>9</sup>Ele e todos os que estavam com ele ficaram espantados com a quantidade de peixes que tinham pescado. <sup>10</sup>O mesmo ocorreu a Tiago e João, filhos de Zebedeu e sócios de Simão. Jesus disse a Simão: ‘Não tenhas medo! De agora em diante serás pescador de homens!’ <sup>11</sup>Eles levaram os barcos para a margem, deixaram tudo e seguiram Jesus”.

<sup>82</sup> Cf. CNBB, *Hoje a salvação entrou nesta casa*. O Evangelho de Lucas, Paulinas, São Paulo, 1999, pp. 74-76; MAIA, G. L., *Vocações em Lucas*. Uma leitura Vocacional do Evangelho de Lucas, IPV, São Paulo, 1998; PIKAZA, J., *A teologia de Lucas*, Paulinas, São Paulo, 1978, pp. 48-55; LANCELLOTTI, A. e BOCCALI, G., *Comentário ao Evangelho de São Lucas*, Vozes, Petrópolis, 1979, pp. 75-76; STRÖGER, A., *O Evangelho Segundo Lucas*, Vozes, Petrópolis, 1973, pp. 155-159.

<sup>83</sup> Seguimos a tradução da CNBB.

## b) À beira do lago

94. Após narrar o batismo de Jesus, Lucas apresenta a genealogia de Cristo<sup>84</sup>, a qual é uma forma usada pelo evangelista para mostrar Jesus como uma pessoa concreta, filho de José, inserido nas gerações e na história do povo de Deus. Em seguida, o autor mostra a vitória de Jesus sobre as tentações sofridas no deserto por quarenta dias (Lc 4,1-13). Logo depois, Jesus aparece na sinagoga de Nazaré desenrolando e lendo o livro de Isaías (Lc 4,18-19). Mais tarde o Mestre estará em Cafarnaum, ensinando com autoridade, expulsando demônios e realizando milagres (Lc 4,31-44).
95. Desenvolvendo o seu ministério itinerante a partir de Nazaré, onde traçou o programa de sua missão evangelizadora, seguindo o caminho e passando por Cafarnaum, o Mestre chega à beira do lago de Genesaré. Ele está acompanhado pela “multidão que se comprimia ao redor dele para ouvir a Palavra de Deus” (Lc 5,1). Lucas já havia afirmado anteriormente que a fama de Jesus havia se espalhado por toda a região (Lc 4,37). O evangelista apresenta Jesus pregando à multidão à beira do lago da Galiléia. O povo, sedento, se comprime em torno da pessoa de Jesus. Ele é o Mestre que anuncia com autoridade a Palavra de Deus que atrai, desperta e fascina.
96. Este modo de Jesus fazer “animação vocacional”, chamar discípulos e discipulas, encontra-se em todos os Evangelhos. O Mestre não espera, mas vai lá onde as pessoas se encontram. À beira do lago de Genesaré, chama os pescadores. Junto ao poço de Jacó, dialoga com a samaritana (Jo 4,4-41). Na entrada de Jericó, conversa com o cego (Mc 10,46-52). Atravessando a cidade, chama Zaqueu (Lc 19,1-10). Nesta atitude do Mestre percebe-se também a sua vontade de convocar pessoas diferentes para segui-lo de diversas maneiras. De fato, umas passam a acompanhá-lo de perto (3,13-19), outras vão encontrá-lo de vez em quando (Jo 3,1-21). A grande maioria permanece em suas casas, seguindo a sua Palavra (Lc 10,38-42). Todas, porém, fazem parte da grande família de Jesus (Mc 3,31-35). Diferente de outros mestres de sua época, Jesus ensina com autoridade e com um jeito muito original. Vive de forma itinerante, ensina a multidão, escolhe os seus discípulos, os quais serão gradualmente inseridos na missão de testemunhar e anunciar o Reino de Deus (Lc 10,1-20). Estes discípulos, mais tarde, proclamarão o Evangelho “em Jerusalém, por toda a Judéia e Samaria, até os confins da terra” (At 1,8).

<sup>84</sup> Lucas apresenta a árvore genealógica de Jesus, mencionando 77 nomes que indicam a universalidade da missão do “filho de Adão, filho de Deus” (Lc 3,23-38).

## c) O Mestre anuncia a Palavra de Deus

97. Na cena que se desenvolve junto ao lago de Genesaré, também chamado de mar da Galiléia ou de Tiberíades (Jo 6,1), a narrativa está centrada na escuta, na força e na obediência à Palavra de Deus, comunicada por Jesus. A Palavra de Deus é o elo de ligação entre Jesus e a multidão, da qual provém os seus discípulos. Percebe-se aqui os três momentos que compõem o itinerário vocacional dos quatro primeiros discípulos: a) Jesus anuncia a Palavra de Deus (Lc 5,1); b) Simão atende a essa Palavra que pede para lançar as redes (Lc 5,4); c) Os discípulos reconduzem os barcos à terra, deixando tudo para seguir o Mestre (Lc 5,11). Ao descobrir que a fala de Jesus é a Palavra de Deus, Pedro e seus companheiros não apenas cumprem a ordem de lançar as redes de dia, contrariando a própria experiência de pescar à noite, mas também deixam tudo para seguir o Mestre que os convocou para serem “pescadores de homens” (Lc 5,10). Lucas nos mostra que os seguidores de Jesus formam a comunidade de testemunhas que praticam a Palavra. Esse fato revela a necessidade de uma vida coerente que una atos e palavras. Ele pode e deve inspirar a vida de todos os vocacionados e animadores de todas as vocações e ministérios.

## d) Os pescadores seguem Jesus

98. Diferente de Mateus e Marcos, Lucas narra a vocação dos quatro pescadores, após a série de milagres que Jesus realizou em Cafarnaum, inclusive na casa de Pedro (Lc 4,38-39). Esse deslocamento permite justificar a generosa adesão de Pedro e seus companheiros à pessoa de Jesus, uma vez que eles já haviam realizado uma experiência com o Mestre, acolhendo-o em suas casas e no meio de seus familiares. Lucas observa a lógica segundo a qual ninguém segue alguém sem antes conhecê-lo. Pedro e seus companheiros, ao deixarem tudo para seguir Jesus, já o conheciam, ao menos em parte. Jesus, antes de convocar os pescadores para deixarem as barcas e as redes, visita a casa de Pedro e conhece a sua família (Lc 4,38). É um “animador vocacional” que conhece bem a história e as origens dos seus vocacionados.
99. Após a pesca milagrosa, a cena ganha uma tonalidade toda particular. Pedro, com o coração oscilando entre o fascínio e o espanto, dirige-se a Jesus com um título pascal. Ele, que antes chamara Jesus de “Mestre”<sup>85</sup> (Lc 5,5), depois

<sup>85</sup> O título com o qual Pedro trata Jesus, chamando-o de “Mestre” no lugar de “Rabi”, é uma característica de Lucas. Note-se ainda que, diferentemente do termo “Rabi”, usado pelos demais evangelistas, o substantivo grego, adotado por Lucas para indicar Jesus como “Mestre”, aponta para uma fé mais profunda na pessoa de Cristo.

da pesca milagrosa, manifesta sua fé chamando-o de “Senhor”<sup>86</sup>. Esse título aponta a vitória de Jesus sobre a morte, faz referência à ressurreição e ao triunfo da vida. A experiência vocacional traz uma dimensão pascal, isto é, passagem para uma nova realidade a serviço do Reino e da vida. Os pescadores, num certo sentido, fazem um novo êxodo, deixando as barcas e as redes, seguindo Jesus e caminhando numa nova direção.

### e) O jeito de Jesus

100. Anunciador itinerante e comunicador criativo, Jesus sobe na barca de Simão, pede para afastar-se um pouco da margem para poder ser visto e ouvido por todos. O Mestre busca novas formas de se comunicar com a multidão que está aberta para acolher a Palavra de Deus (Lc 5,3). Percebe-se nele o desejo de uma comunicação direta, de uma linguagem simples e inculturada à realidade do povo. A expressão “pescadores de homens” é facilmente compreendida por Pedro e seus companheiros<sup>87</sup>. O jeito de Jesus chamar é livre, espontâneo, criativo e sensível às reais necessidades das pessoas<sup>88</sup>. Simão, o dono da barca, simples pescador, mais tarde será escolhido para liderar os discípulos e todo povo cristão<sup>89</sup>. Mas a barca, aqui neste contexto, simboliza também o lugar concreto onde a vida acontece. Ela era o meio de sobrevivência para aqueles homens e suas famílias. Para o serviço às vocações tal simbologia tem um significado muito profundo. Fala antes de tudo da necessidade de se fazer uma animação vocacional **inculturada** (SD, 80). A inculturação, por sua vez, supõe a coragem de ir até “à beira do lago” (Lc 5,1), ou seja, lá onde os vocacionados e vocacionadas estão vivendo, para participar de suas alegrias e de suas frustrações.

<sup>86</sup> O título “Senhor”, em grego *Kyrios*, na época de Jesus, era dado aos deuses e aos reis. Nas comunidades cristãs primitivas parece ter sido usado inicialmente como invocação litúrgica ou como aclamação para manifestar a fé no Cristo ressuscitado, único Senhor da história (cf. Fl 2,11; Rm 10,12; MACKENZIE, *Dicionário Bíblico*, Paulinas, São Paulo, 1984, pp. 862-864).

<sup>87</sup> Nesta cena de Lucas o Mestre fala de “pescadores de homens”, enquanto no encontro com a mulher samaritana, a beira do poço de Jacó, ele adotará uma outra expressão compreensível naquele contexto: “água viva” (Jo 4, 10).

<sup>88</sup> “Somente quando acontece a partilha, compreende-se a situação: a messe é grande, os operários são poucos” (DI CARLUCCIO, L., *Aníbal Di Francia precursor e mestre da moderna pastoral vocacional*, EAR, São Paulo, 2001, p. 24).

<sup>89</sup> Talvez, o gesto de subir na barca de Pedro, deixando a outra barca parada, seja uma indicação da eleição de Pedro, que logo será chamado para tornar-se “pescador de homens” (Lc 5,10). Na tradição cristã, a expressão “a barca de Pedro”, assinala a Igreja que cumpre a sua missão de testemunhar e anunciar Jesus Cristo. “A Igreja é como uma grande barca que navega pelo mar deste mundo” (Das Cartas de São Bonifácio, bispo e mártir, século VIII, em *Liturgia das Horas*, volume III, p. 1340).

## 2.3. A vocação dos pescadores

### a) O chamado a lançar as redes

101. Após a sua pregação, Jesus ordena a Simão que avance para as águas mais profundas, lançando as redes para a pesca (Lc 5,4). Pedro espontaneamente, com fé simples e obediente, numa atitude de total confiança e abandono, atende ao convite de Jesus<sup>90</sup>. A Palavra do Mestre, escutada, hoje, pela Igreja peregrina, convida-nos “a lembrar com gratidão o passado, a viver com paixão o presente, a abrir-nos com confiança para o futuro” (NMI, 1). Para a animação vocacional, ela significa uma proposta corajosa, um pedido para que vejamos mais longe, além dos horizontes, buscando novas formas, novos métodos, novo ardor. O convite de Jesus é um desafio a nos lançarmos para o futuro, traduzindo o entusiasmo vocacional em “diretrizes concretas de ação” (NMI, 3), capazes de dar novo impulso e novo dinamismo ao que já estamos realizando. Avançar é superar toda “sensação de saciedade”, é romper com possíveis “atitudes de relaxamento” e “investir em iniciativas concretas aquele entusiasmo que sentimos” (NMI, 15).

### b) A disponibilidade dos vocacionados

102. A atitude de Pedro, de Tiago e de João manifesta a disponibilidade para seguir Jesus (Lc 5,11). Pode-se dizer, que eles nunca deixaram de ser pescadores. Eles terão novas redes e barcas que, simbolicamente, representam a Igreja e a sua missão evangelizadora. Pedro e seus companheiros não deixam o trabalho no lago de Genesaré movidos apenas pelo entusiasmo despertado pela pesca milagrosa. Eles já tinham sido visitados por Jesus em Cafarnaum. Os pescadores, após vários encontros e convivência com Jesus, receberam e acolheram a proposta de “capturarem”<sup>91</sup> pessoas para a vida.

<sup>90</sup> É interessante também observar neste texto a seqüência de plurais: “trabalhamos” (Lc 5,5), “fizeram - apanharam” (Lc 5,6) e “fizeram - vieram - encheram” (Lc 5,7). Esses termos no plural podem indicar a sociedade pesqueira da qual Pedro fazia parte, bem como o companheirismo e a solidariedade na tarefa de pescar. São pessoas que sabem trabalhar juntas ajudando-se umas as outras e vivendo fraternalmente, condições essas indispensáveis para a evangelização e, de modo particular, para a animação vocacional.

<sup>91</sup> O verbo no particípio presente, que permite traduzir a expressão “pescador de homens” por “capturar homens para a vida”, ou ainda “pescar vivos” é outra exclusividade desse evangelista natural de Antioquia, habitante do mundo mediterrâneo, que não costuma denominar o lago de Genesaré como o “mar da Galiléia”.

### c) “Não tenhas medo!”

103. Desafiando a experiência dos pescadores, Jesus ordena a Simão e seus companheiros a lançarem as redes em pleno dia, quando a hora é imprópria (Lc 5,4). O evangelista descreve alguns detalhes que dinamizam a cena: as redes que se rompem por causa da grande quantidade de peixes e as barcas que quase afundam. Com o coração confiante e fascinado pela pessoa de Jesus, Simão grita, expressando a consciência de sua pequenez: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador!” (Lc 5,8)<sup>92</sup>. O evangelista mostra como Pedro, espantado e cheio de temor, descobre que Deus entrou em sua vida mediante as palavras e a pessoa divina de Jesus. No Antigo Testamento, essa era a reação das pessoas diante da manifestação de Deus (cf. Êx 33,20; Is 6,5). O Mestre o tranqüiliza: “Não tenhas medo!” (Lc 5,10), convocando-o para a missão, tornando-o modelo e referencial para os seus companheiros: “Doravante serás pescador de homens” (Lc 5,10). Com isso Jesus manifesta a sua confiança em Pedro, levando-o a superar os obstáculos e acenando para a sua futura missão.
104. Na introdução lembrou-se que o momento atual se caracteriza pela desconfiança e pelo desânimo. Recordava-se o cansaço de muitas lideranças, a vontade de retroceder e de parar. A sensação, muitas vezes, é de que os problemas e desafios são maiores do que as nossas forças. Numa situação como esta é muito comum o **medo**, o temor e até mesmo o pavor. Por isso o gesto tranquilizador de Jesus – “Não tenhas medo!” (Lc 5,10) – deve ser recordado hoje com mais frequência. O Mestre nos garante que vai estar conosco “até o fim dos tempos” (Mt 28,20). Portanto, não ter medo significa acreditar plenamente no amor de Cristo, não se deixar vencer pelos próprios limites e fraquezas e prosseguir com firmeza na missão. Para a animação vocacional isso significa ter audácia para enfrentar os novos desafios, procurando novos métodos que possibilitem “o cultivo multiforme das vocações”<sup>93</sup>.

### d) A identidade do discípulo

105. Acolhendo a palavra de Jesus, Pedro e seus companheiros inauguram uma nova fase da vida e começam a formar o embrião do novo povo de Deus. Povo que será guiado pelo Espírito e liderado por esses pescadores. Propondo aos pescadores uma nova missão, Jesus manifesta a necessidade de pesso-

<sup>92</sup> Alguns padres (escritores) da Igreja primitiva vêem nesta afirmação de Pedro - “sou um pecador” (Lc 5,8) - um aceno às três negações que esse discípulo fará de Jesus na hora da sua prisão (Lc 22,54-62).

<sup>93</sup> CNBB, *Formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*, n.º 43.

as que estejam dispostas a deixar tudo para assumir a causa do Reino. Lucas mostra a multidão querendo ouvir a palavra de Deus. Mas poucos são capazes de deixar os seus “afazeres” para seguir Jesus, na condição de apóstolos. Nota-se uma desproporção numérica entre a multidão de ouvintes e os quatro pescadores chamados pelo Mestre. Mais adiante, o evangelista apresentará Jesus ensinando a pedir novos operários para a messe: “E dizia-lhes: A colheita é grande, mas os operários são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie operários para sua colheita” (Lc 10,2).

### e) A reação dos vocacionados pescadores

106. Os primeiros vocacionados acolhem progressivamente o chamado de Jesus. Inicialmente eles estão no meio da multidão (Lc 5,1), fazendo parte dos que escutam atentamente a fala do Mestre, que é Palavra de Deus. Eram pessoas do povo. Quando Jesus ordena a Pedro que lance as redes, a primeira reação do experiente pescador foi de questionamento (cf. Lc 5,5a). Mesmo assim ele age conforme o pedido de Jesus. Diante do resultado da pesca, Pedro fica maravilhado e pede auxílio aos seus companheiros (Lc 5,7). Desse modo, o evangelista mostra que os primeiros vocacionados de Jesus eram pessoas simples, trabalhadoras, gente que escutava a Palavra de Deus.
107. Ao dizer que os pescadores abandonaram as barcas, “deixaram tudo e seguiram Jesus” (Lc 5,11), o evangelista chama a atenção para um outro elemento importante. O seguimento de Jesus comporta determinadas **rupturas** tantas vezes radicais (Lc 18,18-27). Sem elas é praticamente impossível viver como discípulos do Mestre (cf. Lc 14,25-33). Deixar as barcas, para Pedro e seus companheiros, significava deixar tudo, inclusive o estabelecido, o rotineiro, o costumeiro, mas também o mais agradável e o mais seguro. A resposta à vocação, tantas vezes, vai exigir esta coragem. Do mesmo modo, a animação vocacional, se quiser ser evangélica e eficaz em nossos dias, terá que ter a audácia de romper com os preconceitos, com a rotina e com certos programas previamente projetados, para trilhar por caminhos que o Senhor deseja que passemos. Só quando se “deixa tudo” consegue-se avançar no seguimento de Jesus.

### f) Jesus, animador vocacional

108. A grande quantidade de peixes indica simbolicamente o resultado do ministério de Jesus que anunciava a palavra de Deus à multidão. Jesus é o pescador de Deus que anuncia a Boa Notícia do evangelho ao povo. A missão evangelizadora, o anúncio da Boa Nova e o serviço do Reino são apresentados como uma pescaria na qual Jesus envolve Pedro e seus companheiros

que estão atentos à sua palavra (Lc 5,5). Lucas compara o ministério de Jesus com uma pescaria bem sucedida. O próprio Jesus está na barca de Pedro, participando da nova missão assumida por esses pescadores no lago que simboliza o povo de Deus.

109. Aprofundando o simbolismo dessa pescaria, pode-se acrescentar que as redes assinalam a missão evangelizadora dos pescadores, enquanto as barcas representam a própria comunidade eclesial. Pedro e seus companheiros ensinam a acreditar na palavra de Jesus, lançar de novo as redes, mesmo se a hora parece imprópria, pedir ajuda no serviço, e deixar tudo para seguir o Mestre.
110. A meditação desta página de Lucas, abre novos horizontes para os animadores e animadoras vocacionais. Fica claro, que o jeito de Jesus chamar os pescadores no lago de Genesaré, questiona o serviço de muitos animadores vocacionais “pescadores”, os quais chamam sem antes evangelizar, sem conhecer as famílias dos vocacionados, sem aproximar-se da realidade onde eles vivem. Questiona certo tipo de animação vocacional que não respeita a especificidade de cada vocacionado, tratando todos do mesmo jeito, sem levar em conta as diferenças culturais e a diversidade de vocações e ministérios que o Espírito, na sua liberdade (cf. 1Cor 12,4-11), deseja suscitar no meio do Povo de Deus, conforme as necessidades do mundo e da Igreja<sup>94</sup>.
111. O estilo original de Jesus chamar pescadores para o Reino permanece como referencial para a animação vocacional. Hoje, os pescadores são todas as pessoas batizadas<sup>95</sup>, vocacionadas a chamar, a evangelizar, a proteger, a estimar e a amar o dom da vocação de cada ser humano. Por isso, urge, também aqui, “avançar para águas mais profundas”, fazendo com que a animação vocacional tenha um “rosto verdadeiramente eclesial, desenvolvendo uma ação concorde, servindo-se também de organismos específicos e de adequados instrumentos de comunhão e de co-responsabilidade” (PDV, 41).

<sup>94</sup> Cf. *ibid.*, nn. 41-43.

<sup>95</sup> “Também os leigos são ‘operários’ da messe” (DI CARLUCCIO, L., *Aníbal Di Francia...*, pp. 33-36).

## 3. AVANÇOS À LEZ DA VOCACÃO BATISMAL

### PROPOSTAS PARA A EQUIPE VOCACIONAL LOCAL

1. Logo na primeira semana da Páscoa, reunir a equipe vocacional. Retomar os dados do painel e confrontá-los com a segunda parte do texto-base (reflexão bíblica).
2. Buscar na reflexão bíblica inspiração para enfrentar os desafios apontados pelo painel.
3. Elaborar um grande painel com a “pesca milagrosa” (cf. Lc 5,1-11).
4. Sobre os peixes que estiverem na rede, escrever as inspirações suscitadas pela reflexão bíblica.
5. Sobre as ondas das águas do mar, escrever a programação da comunidade para o Ano Vocacional 2003.
6. Colocar este painel ao lado do primeiro e convidar a comunidade a participar das atividades programadas para o Ano Vocacional

### 3. AVANÇOS À LUZ DA VOCAÇÃO BATISMAL

*“Avança mais para o fundo,  
e ali lançai vossas redes para a pesca” (Lc 5,4b)*

#### 3.1. Avanços na compreensão vocacional

112. A reflexão feita até agora nos permite passar à consideração dos avanços obtidos até o momento e aqueles que ainda precisam acontecer. Vamos começar com a teologia e a eclesiologia da vocação para vermos, em seguida, algumas pistas de ação.

##### *a) Teologia da vocação*

113. Há muito tempo, sobretudo depois do 1.º Congresso Vocacional do Brasil, estamos percebendo que a **teologia da vocação** é um elemento de fundamental importância para a animação vocacional. Cada vez mais vai ficando bem claro que, sem o embasamento teológico, corremos o risco de sermos superficiais no nosso trabalho vocacional. Convém, pois, recordar os principais elementos de teologia da vocação, indispensáveis à fundamentação da nossa prática de animação vocacional.

114. Já avançamos muito na prática da animação vocacional, porém tem faltado uma teologia que dê suporte ao que fazemos<sup>96</sup>. Isso, como vimos anteriormente, foi reforçado pela pesquisa realizada pelo Setor Vocações e Ministérios. A ausência de uma verdadeira teologia da vocação e das vocações leva alguns animadores e animadoras a pensarem a questão vocacional apenas em vista das necessidades e da pura e simples manutenção do elemento institucional. Dentro desse clima, o discernimento, por vezes, é colocado de lado ou feito sem muita profundidade. Com isso a Igreja corre o risco de ficar sem testemunhas, sem evangelizadores que queiram assumir a missão de anunciar a Boa Notícia<sup>97</sup>.

<sup>96</sup> Cf. DPVIP, n.º 30.

<sup>97</sup> “Formar-se-á uma estrutura eficiente, mas não homens eficazes” (MANENTI, A., *Vocação, Psicologia e Graça*, Loyola, São Paulo, 1990, p. 22).

115. A correta teologia da vocação brota de uma autêntica teologia do batismo. Esta é a base para compreendermos o significado verdadeiro das vocações e dos ministérios na Igreja. Por isso, antes mesmo de falar das vocações específicas, precisamos ter presente a teologia do batismo e a vocação batismal. “A partir do batismo, todos somos chamados à santidade, à fé, ao seguimento do Senhor, à graça. Todas as outras vocações nascem da vocação batismal. O batismo é a base que sustenta todos os ministérios”<sup>98</sup>.

116. Este ensinamento foi redescoberto pelo Vaticano II (LG, 39-42) e reafirmado recentemente pelo papa João Paulo II<sup>99</sup>. O aprofundamento da vocação batismal e do chamado à santidade vai nos permitir superar uma série de dificuldades que ainda encontramos na animação vocacional. Provocará, sem dúvida alguma, um grande avanço na animação vocacional. Lembrando que ainda sofremos por “falta de uma teologia mais sistemática sobre as vocações”<sup>100</sup>, precisamos considerar melhor este aspecto, destacando sobretudo a dimensão **trinitária** do chamamento divino. “Deus é a fonte da vocação: o Pai chama para a missão; o Filho, servidor do Pai, exprime esse chamado, nos envia; e o Espírito Santo faz ecoar a palavra em vista do bem de todos”<sup>101</sup>.

### b) A vocação é amar

117. “A vocação é amar. A pessoa humana é um ser no amor e para o amor. Precisa-se recuperar o autêntico sentido de vocação e ministério que às vezes é compreendido numa perspectiva funcionalista”<sup>102</sup>. Só quem ama, porque foi amado primeiro (cf. 1Jo 4,10), pode ser capaz de uma plena oblatividade. “Quem ama não se sente auto-suficiente, mas livre para amar sem retorno, porque o impulso vem de dentro: Deus despejou em mim o seu amor e a sua força; não preciso impor aos outros os meus preços”<sup>103</sup>. O próprio Jesus nos ama, a ponto de dar a sua vida por nós (cf. Jo 15,13), porque, como vimos antes, ele fez a extraordinária experiência de ser o “Filho amado” do Pai (Lc 3,22).

118. A percepção do amor é o critério decisivo para o discernimento vocacional. Por isso precisamos cuidadosamente verificar se a opção vocacional está

<sup>98</sup> CVB, n.º 11.

<sup>99</sup> Cf. NMI, nn. 30-31. 46-47.

<sup>100</sup> CVB, n.º 10.

<sup>101</sup> *Ibidem*; cf. OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Teologia da Vocação*, pp. 26-33.

<sup>102</sup> CVB, n.º 8.

<sup>103</sup> MANENTI, A., *Vocação, Psicologia e Graça*, p. 79.

sendo uma resposta amorosa ao amor grandioso da Trindade<sup>104</sup>. Na bíblia, a vocação humana e cristã se apresenta como uma verdadeira experiência de **sedução**<sup>105</sup>. Por meio dessa experiência “Deus convida a pessoa a **entrar** na sua intimidade, num verdadeiro relacionamento amoroso”<sup>106</sup>. O amor tem os seus sinais, tem as suas expressões. Sem isso, toda animação vocacional torna-se insossa. Sem o amor não é possível pensar em vocações verdadeiras.

### c) A vocação à vida

119. Isso traz à tona o elemento antropológico da vocação, o qual é anterior à dimensão eclesial. O primeiro e fundamental chamado divino é a “grande **vocação à vida**”<sup>107</sup>, o chamamento à **existência**<sup>108</sup>. Deus nos chama antes de tudo a sermos pessoas humanas realizadas e felizes. Este é um aspecto do chamado que diz respeito a toda a humanidade. A animação vocacional deverá, antes de tudo, promover “a vocação natural” do ser humano, aquela que desde sempre esteve inscrita no coração de cada homem e de cada mulher. Em termos mais concretos isto significa pensar a eleição divina no contexto da criação, do chamado à comunhão, das relações interpessoais. Significa que a animação vocacional começa com o despertar para a vivência plena da **natureza social** do ser humano. Ela precisa estar atenta ao desenvolvimento da história da humanidade, às questões políticas, ao problema do trabalho e assim por diante. Toca à animação vocacional contribuir para que os homens e as mulheres atuem na realização de projetos que, de fato, gerem vida e autêntica felicidade para todas as pessoas<sup>109</sup>.

120. Na primeira parte deste texto tivemos a oportunidade de ver como a vida se encontra seriamente ameaçada. Seria um absurdo pensar que podemos servir a Deus, deixando de lado a vida dos irmãos e irmãs (cf. 1Jo 4,20; Tg 2,1-11). Portanto, a dimensão antropológica da vocação exige também um compromisso em defesa da vida. Neste sentido, sem rodeios, deve-se afirmar

<sup>104</sup> “Percebi e reconheci que o amor encerra em si todas as vocações, que o amor é tudo, abraça todos os tempos e lugares; numa palavra, o amor é eterno. Então, delirante de alegria, exclamei: Ó Jesus, meu amor, encontrei afinal minha vocação: minha vocação é o amor. Sim, encontrei o meu lugar na Igreja, tu me deste este lugar, meu Deus. No coração da Igreja, minha mãe, eu serei o amor e desse modo serei tudo, e meu desejo se realizará” (Trecho da Autobiografia de Santa Teresinha do Menino Jesus, em *Liturgia das Horas*, IV, p. 1333).

<sup>105</sup> Cf. o livro do Cântico dos Cânticos; Jr 20,7; Os 2,16.

<sup>106</sup> OLIVEIRA, J. L. M. DE, “Rumo ao Novo Milênio”. Aspectos vocacionais, em *Espírito* 66 (abril/setembro de 1996), p. 15.

<sup>107</sup> CVB, n.º 9.

<sup>108</sup> Cf. OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Pastoral Vocacional e Cultura Urbana*, pp. 65-77.

<sup>109</sup> Cf. CNBB, *Guia pedagógico de pastoral vocacional*, pp. 26-29.

que o serviço de animação vocacional deverá ser também “um anúncio de que todas as pessoas, feitas à imagem e semelhança do Criador, precisam ser respeitadas em todos os seus direitos inalienáveis”<sup>110</sup>. A animação vocacional de nossas Igrejas locais precisa entender que a “nossa vocação há de ser a da inclusão, do respeito profundo a cada vida, sem exclusões de qualquer tipo”<sup>111</sup>. O próprio batismo é também um ato de **inclusão** que rompe com toda e qualquer forma de discriminação (cf. Gl 3,26-29). A unidade desejada por Jesus, fruto da experiência da prática do amor (cf. Jo 17,20-26), implica a superação da exclusão (cf. Jo 6,39) e da acepção das pessoas (cf. At 10,34; Rm 2,11; Gl 2,6).

121. Dentro desta perspectiva antropológica, a vocação cristã precisa ser apresentada sempre como **serviço** ao mundo (cf. GS, 41-43). “Todos, na Igreja, são chamados para um determinado serviço. Somos um povo de servidores”<sup>112</sup>. A animação vocacional deve apontar para o seguimento de Jesus **Servidor** dos pobres e marginalizados<sup>113</sup>, deixando bem claro que a vocação é uma convocação para “lavar os pés” (Jo 13,1-17) da humanidade, para ser presença que serve. A animação vocacional deve ser um espaço de gestação de verdadeiros discípulos e discípulas Daquele que veio não para ser servido, mas para servir (cf. Mc 10,45).

#### d) A eclesiologia da vocação

122. Além da teologia da vocação, cabe também aqui uma referência à eclesiologia, uma vez que o serviço às vocações está intimamente relacionado com a vida da Igreja, com a experiência eclesial de cada diocese e com os conceitos eclesiológicos presentes na mente dos que fazem a animação vocacional.

123. Convém começar com um olhar sobre a Igreja dos nossos dias, uma vez que a análise do texto de Lucas, vista um pouco antes, se conclui com a apresentação dos vocacionados de Jesus, chamados a “pescar” em outra barca, a barca da comunidade cristã. Portanto, antes de mais nada, temos que ver o que está acontecendo dentro da comunidade eclesial. Uma das grandes contribuições advindas do 1.º Congresso Vocacional do Brasil foi certamente a interpretação realista, a fotografia do interior da nossa Igreja<sup>114</sup>. O Con-

<sup>110</sup> CVB, n.º 9.

<sup>111</sup> CONIC, *Dignidade Humana e Paz. Novo Milênio sem Exclusões*. Campanha da Fraternidade 2000 Ecumênica. Texto-Base, Salesiana, São Paulo, n.º 62.

<sup>112</sup> CVB, n.º 12.

<sup>113</sup> Cf. Mt 11,2-6; Lc 4,14-21.

<sup>114</sup> Desenvolvida posteriormente no livro de LIBÂNIO, J. B., *Cenários da Igreja*, Loyola, 1999.

gresso Vocacional percebeu as mudanças profundas e rápidas pela qual passava a nossa Igreja naquele momento. A partir dessa percepção, os animadores e animadoras vocacionais, presentes em Itaici, foram capazes de avaliar as diversas **expressões** de Igreja que se manifestavam naquela ocasião<sup>115</sup>. Tal avaliação levou-os à conclusão de que estas **diferentes formas** de concretizar o **ser** Igreja têm influências significativas nas motivações que levam as pessoas “a assumir e viver a fé e a vocação”<sup>116</sup>. Disso nasceu nos participantes a convicção da existência de um grande **desafio** para o SAV. Ele deverá ser capaz de, com a ajuda do Espírito do Senhor, colaborar eficazmente para a construção de “uma Igreja, onde todos os aspectos essenciais para a sua vida e para a sua missão, no meio da humanidade, sejam bem integrados”<sup>117</sup>.

124. A perspectiva antropológica, vista anteriormente, apontou para a urgente necessidade de termos uma animação vocacional “feita a partir da visão da Igreja como um **povo de servidores**, dentro do pluralismo das vocações, ministérios e carismas”<sup>118</sup>. Porém, tal perspectiva não é possível quando um **único** cenário de Igreja tende a se impor. É preciso pensar numa animação vocacional que desperte para a diversidade. No processo de **discernimento**, é necessário ajudar os vocacionados a olharem para “a decisão vocacional como um serviço aos irmãos e não como ascensão social ou busca de uma posição privilegiada na sociedade e na Igreja”<sup>119</sup>.

125. Toda animação vocacional feita a partir da experiência da Igreja “Povo de Deus” (cf. LG, 9-17), deve ter a audácia de propor um seguimento de Jesus que seja, de fato, permanente escola onde se aprende que toda vocação é sempre uma vida “**diaconal**”: “Eu estou no meio de vocês como quem está servindo” (Lc 22,27).

126. Do mesmo modo, não podemos esquecer que a preocupação com as vocações deve ser de **toda** a comunidade cristã (OT,2). Por isso, com muita desenvoltura e coragem, precisamos insistir no princípio de “que todos somos animadores vocacionais”<sup>120</sup>, ou seja, responsáveis uns pela vocação dos outros. Cada pessoa batizada tem a responsabilidade de viver bem o chamado, mas também de contribuir para que as demais tenham condições de responder ao chamamento divino para ser gente e para seguir Jesus.

<sup>115</sup> Cf. CVB, n.º 2.

<sup>116</sup> CVB, n.º 3.

<sup>117</sup> *Ibidem*.

<sup>118</sup> CNBB, *Vida e ministério do presbítero*, n.º 244.

<sup>119</sup> *Ibid.*, n.º 254.

<sup>120</sup> CVB, n.º 5.

127. Outro dado eclesiológico fundamental é o que mostra a comunidade eclesial, como “a mediadora da vocação e o lugar de sua manifestação”<sup>121</sup>. A nossa resposta vocacional precisa colaborar para que tenhamos, de fato, uma Igreja que seja espaço de ação do Espírito que quer suscitar as vocações do Pai, no seguimento de Jesus. Isso quer dizer que não é suficiente qualquer *jeito* de Igreja. Existe um modelo, ou se quisermos, um cenário de Igreja, que é o lugar do apelo, do chamamento divino<sup>122</sup>. Os subsídios vocacionais devem contemplar essas exigências, evitando as propostas tentadoras de certo marketing religioso<sup>123</sup>.
128. Não podemos oferecer aos cristãos de hoje apenas uma experiência do sagrado. Precisamos propor uma autêntica **espiritualidade**, capaz de lhes dar ânimo e coragem para continuar firmes na missão, mesmo diante dos inúmeros desafios que aparecem<sup>124</sup>. Não é possível seguir Jesus Cristo nos tempos atuais sem experimentarmos quotidianamente a graça de Deus e sem o esforço para permanecermos coerentes com as exigências do discipulado. No âmbito da animação vocacional isso é ainda mais evidente<sup>125</sup>. Os animadores vocacionais serão capazes de comunicar o chamado divino na medida em que forem pessoas profundamente marcadas pelo amor da Trindade (cf. 1Jo 1,1-4) e pela compaixão para com a humanidade (1Jo 4,19-21). Por sua vez, os vocacionados e vocacionadas saberão responder com prontidão ao chamamento divino quando tiverem experimentado o “mistério de Deus” (2.º CIV, 7).
129. Estes aspectos da teologia e da eclesiologia, se bem trabalhados na animação vocacional, irão contribuir para deixar bem claro que o povo eleito de Deus é um só. Na Igreja, embora nem todos os cristãos caminhem pela mesma via, pela mesma vocação específica, todos temos a mesma e **única** dignidade e igualdade no que diz respeito à nossa identidade de discípulos e discípulas de Jesus e à nossa missão de evangelizar (cf. LG, 32). Essa mesma e igual dignidade nasce do mesmo e único chamado: a vocação à santidade, à plenitude da vida cristã que vem do batismo (cf. LG, 40).

<sup>121</sup> CVB, n.º 11.

<sup>122</sup> Cf. OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Teologia da Vocação*, pp. 59-70.

<sup>123</sup> Vale a pena ler com muita atenção o pequeno artigo de BLANK, R. J., O sagrado e os mecanismos do mercado neoliberal, em *Vida Pastoral* 212 (maio/junho de 2000), pp. 9-15.

<sup>124</sup> Cf. CNBB, *Espiritualidade sem medo*, Salesiana Dom Bosco, São Paulo, 1996.

<sup>125</sup> A este respeito veja-se OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Espiritualidade do animador e da animadora vocacional*, em *Espírito* 83 (dezembro de 2000), pp. 2-17.

### 3.2. Animação vocacional corajosa - pistas de ação

130. No caminho percorrido até aqui tivemos a oportunidade de olhar para a realidade da animação vocacional no Brasil e iluminar este “rosto” com a Palavra de Deus e com a compreensão teológica da vocação. Nesta última parte desejamos apontar alguns avanços que, à luz do batismo, contribuem para a retomada, a transformação e o dinamismo do serviço vocacional.
131. Tendo como pano de fundo a reflexão feita anteriormente, serão indicados agora alguns caminhos mais concretos para a prática da animação vocacional. Inicialmente serão feitas propostas mais **amplas** e, em seguida, pistas mais **específicas**. As primeiras são indicações mais abrangentes e trabalham elementos que podemos considerar mais **permanentes** do serviço de animação vocacional. Já o segundo grupo de propostas refere-se ao trabalho mais direto da animação vocacional.

#### 3.2.1. Propostas mais amplas

##### a) Considerar o fenômeno da urbanização

132. Prestando atenção à urbanização, fenômeno predominante na sociedade brasileira, o SAV precisa ter presente as seguintes exigências:
133. **Sensoriamento do real**: fazer uma leitura interpretativa da realidade, não criando ilusões, procurando trabalhar a partir das questões vitais e das situações enfrentadas pelas pessoas que, diariamente, são provocadas pelos problemas e desafios da cidade ou da cultura urbana.
134. A partir desse sensoriamento, procurar ser mais **realista** e usar de menos ficção, não pensando e nem projetando um tipo de atividade vocacional para pessoas que, na verdade, não existem mais. Trata-se de nos deixarmos **tocar** pela realidade, partindo das grandes interrogações dos homens e das mulheres dos nossos dias<sup>126</sup>.
135. Atenção aos **sinais dos tempos**. Perceber que existe atualmente uma nova concepção do ser humano. Neste novo jeito de ver e de pensar, a pessoa e a sua corporeidade ocupam um lugar de destaque. Lembrar que, cada dia mais, as questões de gênero vão sendo tomadas a sério. Além disso, o homem e a mulher passam a ser vistos não mais como “donos” do mundo, mas parte do imenso cosmos, pequenas partículas da grande casa comum, o planeta Terra.

<sup>126</sup> Cf. OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Pastoral Vocacional e cultura urbana*, p. 31-45.

136. Neste contexto sente-se a urgência de uma **nova pedagogia**. Trata-se de **aproximar-se**, ou seja, “colocar-se no lugar de...”. Não perder-se em detalhes insignificantes e periféricos. Ter sensibilidade, buscando perceber quais são as questões **vitais**, as inquietações, para saber por onde começar a dialogar com as pessoas do nosso tempo, especialmente com os jovens.
137. Tal pedagogia passa também pela **flexibilidade**, isto é, pela capacidade de procurar discernir qual é, hoje, a **única** coisa necessária. Superar os moralismos e rigorismos, mas sem nenhuma ingenuidade. O(a) animador(a) vocacional deverá ser alguém capaz de parar para explicar, para dar as razões das suas ações. Alguém que sabe escutar, acolher, “perder” tempo com as pessoas, rever o seu jeito de ser, redimensionar seus parâmetros de avaliação, abandonando o obsoleto.
138. Mas não basta flexibilizar os processos pedagógicos. É indispensável promover uma animação vocacional verdadeiramente **inculturada**, ou seja, tornar **inteligível** a mensagem evangélica para as pessoas do nosso tempo. Toda atividade vocacional, na medida em que se percebe como interlocutora e mediadora do chamamento divino, precisa cuidar da sua capacidade de entender e de ser entendida; deverá fazer um esforço para compreender e para ser compreendida.
139. A inculturação, na verdade, é uma grande dádiva. Sabe reconhecer o que é bom e, ao mesmo tempo, não despreza nada, vendo tudo segundo o projeto divino da criação. Somente a inculturação torna real a encarnação, evitando, ao mesmo tempo, que a cultura e o diferente sejam banalizados e revestidos de puro folclore. Sem inculturação corremos um duplo risco: o de comprometer o verdadeiro sentido do sagrado na vida e o de fazer desaparecer a distinção entre o que tem e o que não tem significado<sup>127</sup>.
140. Aplicando-se este princípio à questão vocacional, isso significa a busca de uma animação vocacional capaz de “levar em conta as características próprias do povo brasileiro”<sup>128</sup>, investindo “em ações concretas inculturadas”<sup>129</sup>. A animação vocacional não pode viver de imitações e de mimetismo. Parece ter chegado o tempo de pensar realmente em algo que esteja mais identifica-

<sup>127</sup> Cf. SD, 228-286; CNBB, *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 1999-2002*, nn. 203-221; CHITTISTER, J., *Fogo sob as cinzas*. Uma espiritualidade da vida religiosa contemporânea, Paulinas, São Paulo, 1998, pp. 35-36; BRIGHENTI, A., *Por uma evangelização inculturada*. Princípios pedagógicos e passos metodológicos, Paulinas, São Paulo, 1998.

<sup>128</sup> CNBB, *Vida e ministério do presbítero*, n.º 249.

<sup>129</sup> CVB, n.º 22.

do com as nossas culturas, com o rosto do nosso povo. O futuro das vocações passa pela *coragem* de revermos nossa metodologia, nossas práticas de animação vocacional, muitas vezes ainda importadas, copiadas e profundamente dependentes de outras culturas. Está na hora de levarmos mais a sério o eco profético da Conferência de Puebla: “A pastoral vocacional, por ser uma ação evangelizadora e orientada para a evangelização, missão da Igreja, deve ser encarnada e diversificada. Ou seja, deve responder, a partir da fé, aos problemas concretos de cada nação e região e refletir a unidade e variedade de funções e serviços deste corpo diversificado, cuja cabeça é Cristo” (P, 863).

### b) Alimentar a mística

141. Além da atenção ao fenômeno da urbanização é urgente a necessidade de se intensificar a **mística** e a **oração** no âmbito do serviço de animação vocacional. Hoje, acredita-se, há uma grande busca do *sagrado*.<sup>130</sup> A vocação é a proposta de Deus e a resposta humana sobre estas questões. Certamente não teria muito êxito uma animação vocacional que não levasse em consideração esta realidade do momento atual.
142. Porém, o maior motivo para darmos mais atenção à mística e à oração é o fato de que elas “são fontes que redefinem a dimensão profética e sócio-transformadora da pastoral vocacional”<sup>131</sup>. Isso significa que se falta uma mística, alimentada pela oração, a animação vocacional corre o risco de **caducar**, de não responder aos desafios do momento presente. Mas é bom não esquecer, daqui por diante, que a mística proposta para a animação vocacional não é qualquer coisa. Não vale qualquer “sagrado”<sup>132</sup>. A espiritualidade indispensável à animação vocacional é aquela que leva a nos debruçarmos sobre os caídos da nossa sociedade<sup>133</sup>. Portanto, uma mística que desperta a nossa sensibilidade e nos faz, como Jesus, ter “compaixão pelo povo excluído”<sup>134</sup>.

<sup>130</sup> “Sensibilizada pela perda do monopólio absoluto da razão, a modernidade abre agora amplo espaço para o Sagrado. Este entra precisamente como resposta aos maiores problemas da existência: seu sentido, existência do bem, do mal, morte, sofrimento, Transcendência” (LIBANIO, J. B., Fascínio do Sagrado, em *Vida Pastoral* 212 [maio/junho de 2000], p. 7).

<sup>131</sup> CVB, n.º 15.

<sup>132</sup> “O Cristianismo vigia continuamente essas ofertas religiosas para que não se deturpem” (LIBANIO, J. B., Fascínio do Sagrado, p. 7).

<sup>133</sup> A oração se “não promover a caridade não é oração. O movimento do orante deve ser para fora, na direção das messes maduras, de quantos esperam ser promovidos à vida da graça, ao justo bem estar, à dignidade social. A oração é, por natureza, dinâmica. Se não move, não é oração” (DI CARLUCCIO, L., *Aníbal Di Francia...*, p. 27).

<sup>134</sup> CVB, n.º 15.

143. No que diz respeito à oração, ela é indispensável (cf. Mt 9,37-38), enquanto alimenta a mística e sustenta a caminhada de animadores e animadoras, dos vocacionados e vocacionadas<sup>135</sup>. Por isso, terá quer ser “uma oração insistente ao Senhor da messe” (NMI, 46). Mas é preciso que se preste bem a atenção para o que se entende por oração pelas vocações. Talvez aqui esteja uma das questões a ser trabalhada no futuro. A oração da qual brota o verdadeiro “dinamismo vocacional”<sup>136</sup>, além de ser um gesto de “confiança no Senhor Jesus, que continua chamando para o seguir”, de abandono “ao Espírito Santo, autor e inspirador dos carismas” (VC, 64), é uma atitude **permanente** de vida, de escuta da vontade de Deus na Palavra e na história, na liturgia e na vida<sup>137</sup>. Além do mais, a oração pelas vocações supõe, ou melhor, pressupõe outros elementos não menos importantes. Supõe uma Igreja viva, dinâmica, profética, missionária. A oração é mais fecunda quando, com atitudes, projetos, itinerários, metodologias, acolhemos as vocações que o Senhor nos envia.<sup>138</sup>

### c) Usar de criatividade

144. Hoje, para conviver com o acelerado processo de urbanização, com muita razão, pede-se bastante **criatividade** na animação vocacional<sup>139</sup>. Urge criar, inventar, encontrar saídas rápidas e soluções realistas. Entre as propostas de criatividade certamente ocupa um lugar de destaque a necessidade de maior atenção à questão dos ministérios na Igreja. Muitos deles podem ser a solução para tantos problemas provocados pela urbanização<sup>140</sup>. Precisaríamos aprofundar melhor esta temática, acolhendo corajosamente as propostas do 15.º Encontro Nacional de Pastoral Vocacional<sup>141</sup>. Nesta mesma linha, é indispensável usar de criatividade para compreender melhor o específico dos ministérios ordenados e da vida consagrada. É também necessário encontrar novas formas para o exercício destas vocações particulares, de modo que haja uma complementaridade e uma verdadeira interação com a atuação dos cristãos leigos e leigas (cf. NMI, 46).

<sup>135</sup> CVB, nn. 16-17.

<sup>136</sup> CVB, n.º 16.

<sup>137</sup> Cf. 2.º CIV, n.º 23.

<sup>138</sup> Cf. OLIVEIRA, J. L. M. DE, A oração pelas Vocações, em *Con-vocação* 38 (maio/junho 2000), pp. 2-4.

<sup>139</sup> CVB, n.º 18.

<sup>140</sup> Cf. CNBB-SVM-GAV, *Ministerialidade da Igreja e Ministérios*, pp. 20-24.

<sup>141</sup> Seria o caso de realizar nos Regionais e nas Dioceses Simpósios de Estudo sobre esta temática, tomando como referencial o documento da CNBB, *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas* e as Conclusões do 15.º Encontro Nacional de Pastoral Vocacional.

### d) Valorização da pessoa

145. Será preciso também acolher a proposta da **valorização da pessoa** do vocacionado e da vocacionada<sup>142</sup>. No que diz respeito aos jovens, precisamos valorizá-los mais, vendo-os como pessoas humanas, com qualidades e muitas capacidades. Em vista disso, durante o itinerário vocacional, devemos olhar com mais carinho para aspectos importantes e significativos: a história da pessoa, sua afetividade e sua sexualidade, como nos lembrava a pesquisa apresentada na primeira parte deste texto-base. Dentro deste prisma, torna-se urgente insistir com as Equipes Vocacionais para que procurem dar mais atenção aos excluídos, aos portadores de algum tipo de necessidade, à diversidade cultural e étnica, com particular atenção aos indígenas, afro-brasileiros, nômades, migrantes e outros grupos ainda bastante desprezados e esquecidos pela sociedade de um modo geral<sup>143</sup>. Determinados **preconceitos vocacionais** ainda estão presentes em nosso meio, às vezes de forma bem visível, tocando-nos a responsabilidade de superá-los por completo<sup>144</sup>.

### e) Outras propostas

146. Ainda neste quadro das propostas mais amplas, lembrando que foi uma questão apontada pela pesquisa do SVM, mencionamos a formação das equipes vocacionais. Embora em muitos lugares a dimensão vocacional da pastoral ainda esteja nas mãos de uma única pessoa, a experiência demonstra sempre mais que esse é um serviço a ser feito **em equipe**. Convém, todavia, ressaltar que a equipe vocacional não significa um grupo fechado, isolado da vida da Igreja, destinado a “recrutar” vocações para uma determinada instituição. A animação vocacional feita em equipe é, antes de tudo, uma ação que se dá na comunidade, com a comunidade e para a comunidade. Mais do que formar um grupo à parte, os membros da Equipe Vocacional são chamados a inserir-se nas diversas pastorais, grupos e serviços para, a partir desses espaços, suscitar nas pessoas a consciência vocacional. Portanto, neste Ano Vocacional será preciso acolher e assumir, como **compromisso**, a corajosa proposta lançada pelos bispos do Brasil em 1995: “A Igreja local e, quanto possível, cada Paróquia, criem Equipes de Pastoral Vocacional para animar e coordenar a promoção das vocações em todas as dimensões pastorais da vida cristã e ofereçam orientação e acompanhamento aos vocacionados”<sup>145</sup>.

<sup>142</sup> CVB, n.º 18.

<sup>143</sup> CVB, n.º 19.

<sup>144</sup> Cf. OLIVEIRA, J. L. M. DE, “Limpeza de sangue”: exemplos de preconceitos vocacionais, em *Espírito* 88 (março de 2002), pp. 6-20.

<sup>145</sup> CNBB, *Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*, n.º 29.

147. Por fim, ainda neste contexto de propostas mais amplas, não se deve esquecer a importância da **alegria** no seguimento de Jesus. É a **regra de ouro** da animação vocacional (VC, 64). A animação vocacional se completa quando conta com o testemunho de felicidade e realização vocacional. “Nada motiva tanto o despertar vocacional como o testemunho de vida alegre, realizada e feliz daqueles que fizeram a opção radical pelo Reino”<sup>146</sup>. O contra-testemunho, a falta de alegria e de entusiasmo, a **apatia** de algumas lideranças (bispos, padres, consagrados, leigos) atrapalham seriamente o serviço às vocações<sup>147</sup>.

148. Para que tudo isso aconteça é indispensável investir na formação dos animadores e animadoras vocacionais. Não dá para continuar confiando apenas na boa vontade. Neste sentido é preciso pensar não só em oferecer meios para a preparação. É necessário **liberar** as pessoas de outras atividades, a fim de que se dediquem com mais afinco ao serviço de animação vocacional, fonte de vitalidade para a Igreja. As dioceses, congregações e institutos deverão ter mais coragem, mais audácia. Não será suficiente apenas falar rapidamente do assunto em reuniões e encontros. Temos que ter estratégias mais bem pensadas e que consigam atingir o seu objetivo. A preparação e a liberação de pessoas para o serviço vocacional dependem de uma PV organizada e planejada. Por isso, precisamos avançar muito mais nesta direção, lembrando que todo atraso na constituição de estruturas eficientes de animação vocacional resulta num “dano para a Igreja” (2.º CIV, 57).

149. Quanto ao **itinerário vocacional**, convém estarmos atentos para os perigos da pressa e da precipitação<sup>148</sup>. A observação tem sentido, uma vez que ainda é um dos maiores limites da nossa animação vocacional. É indispensável fazer um acompanhamento personalizado e um discernimento adequado. Os candidatos e as candidatas devem passar por um caminho vocacional metódico e bem orientado. A opção vocacional é o resultado deste acompanhamento vocacional. Este deve ser ao mesmo tempo de pessoas e de grupos. Por isso é importante a inserção dos animadores e animadoras nos grupos eclesiais, de modo particular nos grupos de jovens.

150. Hoje torna-se cada vez mais comum o caso de pessoas que abraçam o matrimônio sem nenhuma preparação e sem consciência do compromisso que estão assumindo. As pessoas chegam às pastorais, aos grupos, aos movimentos, mais como “convidados” do que como batizados e batizadas que

<sup>146</sup> CNBB, *Guia pedagógico de pastoral vocacional*, p. 63.

<sup>147</sup> Cf. DPVIP, n.º 58.

<sup>148</sup> CVB, n.º 21.

descobriram naquele espaço o lugar da realização da resposta ao chamado divino. O resultado disso é o fenômeno do “trânsito religioso”: as pessoas freqüentam diversas igrejas, comunidades, passam por vários grupos, pastorais e movimentos, mas sem compromissos sólidos, “sem fincar raízes em nenhuma delas”<sup>149</sup>. Faltou um processo de iniciação na fé. Isso mostra que é preciso um grande avanço no que diz respeito à elaboração de um itinerário vocacional para os cristãos leigos e leigas, com o seu compasso, o tempo necessário e a metodologia apropriada<sup>150</sup>. O acompanhamento vocacional dos cristãos leigos e leigas pode ser pensado a partir do projeto de formação ou educação permanente na fé da Igreja local e, mais especificamente, a partir de algumas atividades já existentes em muitas dioceses. Entre essas atividades ocupa um lugar de destaque o **catecumenato**, conforme as orientações do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos<sup>151</sup>. Outros momentos significativos podem ser: a preparação para a crisma, a preparação de pais e padrinhos, a preparação para o casamento e assim por diante. Basta que esses momentos sejam algo mais; não apenas “cursos”, mas verdadeiros espaços de discernimento vocacional.

### 3.2.2. As propostas mais específicas

151. Além das propostas mais amplas que acabaram de ser mencionadas, faz-se necessário pensar também em algumas pistas que dizem respeito à atuação mais direta dos animadores, animadoras e das equipes vocacionais. Tais pistas, dando continuidade ao que tinha sido proposto pelo 1.º Congresso Vocacional do Brasil<sup>152</sup>, focalizam e respondem a situações que estão sendo constatadas nos Regionais e nas Dioceses. Seguem, portanto, algumas sugestões para a questão da eclesialidade, da formação, da organização, do itinerário vocacional, da interação com a Pastoral Orgânica das Igrejas locais, dos serviços e dos recursos.

#### a) Eclesialidade e formação

152. No que diz respeito à **eclesialidade** e à **formação**, é indispensável começar pela sensibilização da comunidade, de modo que toda ela tenha uma

<sup>149</sup> CNBB, *Com adultos, catequese adulta*. Texto-base elaborado por ocasião da 2.ª Semana Brasileira de Catequese, Paulus, São Paulo, 2001, n.º 25.

<sup>150</sup> Veja-se a este propósito OLIVEIRA, J. L. M. DE, Novo itinerário vocacional, em *Espírito* 65 (janeiro/março de 1996), pp. 12-21; MANENTI, A., *Vocação, Psicologia e Graça*, p. 63.

<sup>151</sup> Cf. CNBB, *Segunda Semana Brasileira de Catequese. Catequese com Adultos*, Paulus, São Paulo, 2002, pp. 172-253.

<sup>152</sup> Cf. CVB, 22-46.

**mentalidade vocacional**<sup>153</sup>. A experiência está mostrando que a animação vocacional só consegue ir adiante quando conta com o respaldo de uma comunidade que tem consciência de ser chamada e que deseja ser mediadora de vocações. Quando falta este clima na comunidade, a dimensão vocacional permanece isolada e vista apenas como algo periférico<sup>154</sup>.

153. Além do clima vocacional na comunidade, é necessário pensar no acompanhamento e na formação teológica. O acompanhamento pela equipe de animação vocacional deve ser **critério decisivo** para a celebração do matrimônio, para o acolhimento nos grupos e pastorais para a aceitação de jovens nos seminários e casas de formação<sup>155</sup>.
154. Quanto aos seminários e casas de formação, as estatísticas estão trazendo à tona um fato preocupante. Na medida em que aumenta o número de entradas nas instituições formativas, aumenta também o número de saídas, inclusive depois dos compromissos definitivos<sup>156</sup>. Além disso, uma boa parte dos que ficam parece viver num estado geral de apatia. Não existem dúvidas de que a raiz destes problemas está na falta de acompanhamento vocacional sério. A pesquisa feita com os seminaristas maiores religiosos, publicada pela CNBB em 1995, mostrava que o principal fator que levava um seminarista a deixar o seminário, naquela época, era o *discernimento vocacional* (30,9%), o qual, unido ao fato de que o processo de formação não ajudou a solidificar a opção (22,5%), demonstra a importância do acompanhamento vocacional anterior à entrada na instituição formativa<sup>157</sup>.
155. Como para as demais vocações específicas, a formação dos cristãos leigos e leigas<sup>158</sup> deve ser **integral**. Além da dimensão teológica e da espiritualida-

<sup>153</sup> CVB, n.º 23.

<sup>154</sup> “Até quando as comunidades diocesanas e paroquiais, as famílias, as associações, não sentirem o problema vocacional como próprio, será difícil uma solução satisfatória. Na maioria das paróquias a pastoral vocacional é circunscrita apenas aos momentos fortes oferecidos pela Igreja universal e nacional” (DPVIP, n.º 60).

<sup>155</sup> Cf. CVB, n.º 23b.

<sup>156</sup> Muitas das atuais vocações são “movidas pelo lado emocional, participando da fragilidade de tais experiências. Por isso, com a mesma facilidade com que entram no seminário ou na vida religiosa, afastam-se depois de terem saciado parte da sede religiosa. No fundo, vive-se antes uma experiência religiosa que uma experiência propriamente de Deus” (LIBANIO, J. B., *Cenários da Igreja*, p. 60).

<sup>157</sup> Cf. PITTA, M., e VALLE, R., Situação dos seminaristas maiores religiosos no Brasil, em CNBB, *Situação e vida dos seminaristas maiores no Brasil [II]*, Paulus, São Paulo, 1995, p. 160. O decreto legislativo sobre os Seminaristas egressos, aprovado pela 35.ª Assembléia Geral dos Bispos, em 1997, sendo posteriormente ratificado pela Congregação para os Bispos, não deixa dúvidas quanto a isso (Cf. *Comunicado mensal* n.º 517 [dezembro de 1997], pp. 2540-2546). Este decreto encontra-se também no site da CNBB.

<sup>158</sup> CVB, n.º 24b; CNBB, *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, nn. 175-193.

de, ela deve ajudar a desenvolver a dimensão humano-afetiva, a capacidade de autênticos relacionamentos, de compreensão da realidade, de fazer discernimento e de avaliar. Tudo em vista da perseverança no compromisso e da fidelidade aos valores éticos e evangélicos<sup>159</sup>. De fato, esta vocação específica tem exigências próprias, o que não significa afastamento dos cristãos leigos e leigas daqueles que se preparam para outras formas de vida.

156. Ainda neste aspecto da eclesialidade e da formação, todo serviço de animação vocacional precisa ter presente “a dimensão missionária da Igreja”<sup>160</sup>. Sabemos que toda vocação é **sempre** para uma missão<sup>161</sup>. A animação vocacional deve focar melhor este aspecto, pois quando falta este dinamismo missionário pode-se deduzir que houve deficiência séria no processo de discernimento vocacional. De fato, todo verdadeiro encontro com o Senhor que chama “gera uma profunda transformação em todos aqueles que não se fecham a ele. O primeiro impulso que nasce dessa transformação é comunicar aos outros a riqueza descoberta nesse encontro”<sup>162</sup>. A missão renova a Igreja, revigora a sua fé e a sua identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações (RMi, 2).
157. Tendo presente o resultado da pesquisa feita nos Regionais, é bom procurar avançar mais no estudo e na reflexão da **teologia da missão** e no discernimento da vocação como **missão**. Aliás, tanto no SAV como na PV, há uma grande preocupação com a vocação, mas a reflexão e a prática estão tantas vezes desligadas dos aspectos da **missionariedade** da Igreja<sup>163</sup>. Há que se insistir muito na formação das convicções dos vocacionados e vocacionadas para uma consciência missionária. Além disso, ressaltar, durante o período do discernimento, a importância do chamado para todos os âmbitos da missão, reconhecendo também o valor do compromisso de cada cristão com a missão universal, “ad gentes”, além fronteiras<sup>164</sup>.

<sup>159</sup> *Ibid.*, nn. 186-188. Muitas vezes nem será preciso inventar coisas novas, mas apenas conhecer e apoiar iniciativas desenvolvidas pelos cristãos leigos e leigas das comunidades.

<sup>160</sup> CVB, n.º 27.

<sup>161</sup> Cf. OLIVEIRA, J. L. M. DE, *Teologia da Vocação*, pp. 103-114.

<sup>162</sup> JOÃO PAULO II, *Ecclesia in America*, n.º 68.

<sup>163</sup> “Desejaria que todos e cada um de nós pudesse visitar, pelo menos em espírito, a própria pia batismal, mergulhar nela a nossa cabeça e redescobrir a missionariedade do próprio batismo. Eu sou batizado? Então, devo ser missionário. Se eu não sou missionário, então não sou cristão” (DOM PEDRO CASALDÁLIGA, em *Dimensão Missionária – CNBB, Animação e organização missionárias*, Brasília, 2001, p. 7).

<sup>164</sup> Cf. RMi, nn. 31-40; P, 368; CNBB, *Igreja: comunhão e missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura*, Paulinas, São Paulo, 1988, nn. 113-131; ID., *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 1999-2002*, nn. 245-253.

158. Todo esse dinamismo depende principalmente de uma **espiritualidade missionária**<sup>165</sup>. Um elemento fundamental dessa espiritualidade é a **inserção** no meio dos excluídos. Hoje é cada vez mais comum o fenômeno do “**desclassamento**”<sup>166</sup> entre os que assumem a vida religiosa e o presbiterato. A maioria dos que ingressam nos seminários diocesanos e nas congregações costumam ter uma “vida cômoda”, no sentido que não têm preocupação econômica. Isso facilmente leva a um modo de viver que “não é coerente com a opção preferencial pelos pobres”<sup>167</sup>. A animação vocacional terá que enfrentar seriamente esse desafio. Avançar na direção da missionariedade significa também procurar reverter esse quadro de “aburguesamento” dos que entram na vida religiosa e nos presbitérios diocesanos.

159. Por fim, no que diz respeito à formação dos animadores vocacionais, temos já em muitos lugares do Brasil as **escolas vocacionais**. Elas estão se revelando como espaço privilegiado de preparação daqueles que querem servir à Igreja no campo das vocações, dos ministérios e dos diferentes serviços. Permanece, porém, o desafio de fazer com que todas as pessoas chamadas a trabalhar na animação vocacional possam participar dessas escolas. Além disso, somos convidados a avançar na partilha e na solidariedade, uma vez que a principal dificuldade na realização dessas escolas vocacionais é a falta de recursos financeiros, especialmente quando se trata de cristãos leigos e leigas. Neste sentido, as Igrejas mais providas economicamente poderiam ser solidárias com as mais pobres.

### b) Organização e itinerário vocacional

160. Passando à temática da organização e do itinerário vocacional, destacamos uma questão ligada à **vida consagrada**. Esta, por natureza, é chamada a “atrair eficazmente todos os membros da Igreja a cumprirem com diligência os deveres da vocação cristã” (LG, 44). Por isso, vale a pena prestar mais

<sup>165</sup> A espiritualidade missionária consiste, “antes de mais nada, no viver em plena docilidade ao Espírito, e em deixar-se plasmar interiormente por ele, para se tornar cada vez mais semelhante a Cristo” (RMI, 87).

<sup>166</sup> A expressão “desclassamento” é usada pelo sociólogo Pedro Assis Ribeiro de Oliveira para definir o fenômeno do “distanciamento do seminarista em relação à sua família e ao seu meio social de origem” (OLIVEIRA, P. A. R. DE, Seminaristas maiores: um questionamento sobre sua socialização, em CNBB, *Situação e vida dos seminaristas maiores no Brasil [I]*, Paulus, São Paulo, 1984, pp. 60-64).

<sup>167</sup> *Ibid.*, p. 63. Cf. VALLE, E., Observações psicopedagógicas sobre a pesquisa de 1993, em CNBB, *Situação e vida dos seminaristas maiores no Brasil (II)*, p. 49; cf. ANTONIAZZI, A., Os Seminaristas Maiores: comparação dos resultados das pesquisas de 1982 e 1993, em *ibid.*, pp. 29-33.

atenção a essa realidade e investir em meios que possibilitem maior interesse dos consagrados e consagradas para com o serviço vocacional. Os responsáveis pelos institutos e congregações deveriam cuidar melhor da sensibilização dos membros de suas comunidades para a causa das vocações.

161. Outra proposta que merece ser considerada mais seriamente é o **envolvimento** da comunidade no discernimento vocacional<sup>168</sup>. Isso tem lógica uma vez que, normalmente, a comunidade não participa desse processo, quando, de acordo com o ensinamento do papa João Paulo II, ela deveria ser a protagonista (cf. PDV, 41). O acompanhamento vocacional, tantas vezes, fica na mão de uma ou duas pessoas e, em muitos casos, é feito fora do âmbito da vida da comunidade local. Além do mais, o **engajamento** na comunidade nem sempre é considerado critério fundamental para a opção vocacional. Porém, não podemos esquecer que a participação da comunidade no processo de discernimento vocacional é algo positivo e extremamente importante, especialmente no momento de verificar as motivações dos vocacionados e vocacionadas. Todavia, para que isso aconteça, é necessário cuidar da qualidade da comunidade eclesial, a qual, por si mesma, pode e deve ser um atrativo vocacional. Quando a comunidade não é expressão do seguimento de Jesus, ela desanima quem se sente chamado.

162. Neste contexto coloca-se uma outra urgência: “Fazer acompanhamento personalizado e grupal dos vocacionados e vocacionadas nas suas famílias e comunidades”<sup>169</sup>. O enfoque dado à família é de fundamental importância para o futuro das vocações. Costumamos dar muita atenção aos jovens, mas quase sempre fora do contexto familiar. Todavia, o processo de discernimento vocacional deve ter sempre como pressuposto o fato de que a família “é o lugar normal do crescimento humano, cristão, vocacional dos filhos”<sup>170</sup>. Sem esquecer que um dos principais deveres da animação vocacional é exatamente ajudar a família na sua missão de educadora vocacional<sup>171</sup>. Pode-se igualmente valorizar, como espaço de discernimento vocacional, o engajamento de animadores vocacionais nos grupos de “iguais”, de coetâneos, de pessoas que se reúnem por motivos ou objetivos comuns. Assim sendo, um animador vocacional jovem pode inserir-se num grupo de jovem. Um animador vocacional rural pode fazer animação vocacional entre os “sem-terra” ou entre os membros da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e assim por diante. Basta que se respeite a identidade de cada grupo e a maturidade correspondente a cada situação, condição ou faixa etária.

<sup>168</sup> CVB, n.º 30.

<sup>169</sup> CVB, n.º 31.

<sup>170</sup> 2.º CIV, n.º 39.

<sup>171</sup> *Ibidem*.

### c) Interação com outras pastorais e dimensões

163. Toda essa questão da inserção na comunidade nos ajuda a entender a importância da questão da **interação** do SAV com as pastorais, especialmente aquelas mais afins<sup>172</sup>. Hoje, com frequência, fala-se também da globalização da solidariedade<sup>173</sup>. Isso vale também para a animação vocacional, mesmo porque ela não é apenas uma parte da Pastoral Orgânica, mas, como já foi dito, dimensão conatural e essencial de toda a evangelização.
164. Dentro desta dinâmica, a interação com as Pastorais da Juventude, a Pastoral Familiar e Catequese são as mais significativas. Com a Juventude porque este é o momento da decisão vocacional e da inclinação natural para a vida em grupo. Com a família porque, como vimos há pouco, ela é o espaço onde a pessoa normalmente vai se descobrindo como gente e vai percebendo que a sua vida tem sentido. Com a Catequese porque essa é a oportunidade de refletir e conhecer o Deus que chama, bem como o lugar onde a vida cristã é apresentada como vocação.<sup>174</sup>
165. Cabe aqui uma palavra sobre o “serviço de animação vocacional no meio universitário”<sup>175</sup>, evidenciado também pela pesquisa de 2001. A presença da animação vocacional neste espaço tão importante significa uma contribuição concreta para a transformação do mundo e da sociedade. De fato, a universidade é ambiente natural de gestação dos pensadores, daqueles que vão fazer a cultura, elaborar projetos para o país, controlar a economia, avaliar os rumos e escolher os destinos da nação. Por isso, é urgente pensar numa maneira viável de fazer animação no mundo universitário. Pode-se começar com a criação e o acompanhamento de grupos em universidades, fazendo um trabalho articulado e em plena comunhão com a pastoral universitária.
166. Ainda no campo da interação convém lembrar a importância de **ênfatar** a dimensão vocacional da **Liturgia**<sup>176</sup>. A proposta é significativa, uma vez que as celebrações litúrgicas devem ser momentos que “provocam” e chamam. Precisamos, pois, ter a coragem de pensar o itinerário vocacional nesta perspectiva, especialmente do Ano Litúrgico. Este, por si mesmo, já contém uma proposta vocacional. A própria espiritualidade litúrgico-sacramental favorece o discernimento e alimenta a opção vocacional.

<sup>172</sup> CVB, n.º 33.

<sup>173</sup> JOÃO PAULO II, *Ecclesia in America*, n.º 55.

<sup>174</sup> 2.º CIV, nn. 4.26-28.39 e 42. Dentro desta perspectiva podem ser incluídas as propostas 34 e 35 do Documento Final do 1.º Congresso Vocacional do Brasil que falam da família como “sementeira de vocações” e da importância da Pastoral do Adolescente para a animação vocacional. O mesmo diga-se das propostas contidas nos números 36 a 38.

<sup>175</sup> CVB, n.º 37.

<sup>176</sup> CVB, n.º 40.

167. A Liturgia, enquanto **cume**, cimo da vida e da ação da Igreja, fonte de onde jorra o seu dinamismo (SC, 10), é o lugar privilegiado para se perceber o chamamento divino. A celebração dos sacramentos, particularmente a Eucaristia, é, por natureza, eminentemente vocacional. Por meio dela Deus está sempre chamando, convocando<sup>177</sup>. Portanto, no serviço de animação vocacional, é preciso valorizar sempre mais a convicção “de que o ano litúrgico deve transformar-se em escola permanente para o caminho vocacional e, sobretudo, de que os sacramentos da iniciação cristã cada vez mais devem ser entendidos como sacramentos de iniciação à vida consagrada a Deus e à Igreja”<sup>178</sup>. Por isso, é preciso pensar em estratégias concretas que ajudem a atingir este objetivo. Poderia se começar através de um intercâmbio maior entre a Equipe Vocacional local e a Equipe de Liturgia da comunidade. Nessa ação interativa deveria se trabalhar melhor a questão da preparação das celebrações litúrgicas e a importância da Eucaristia enquanto momento no qual se dá a assembléia dos que foram convocados pela Trindade<sup>179</sup>.

168. Um outro elemento bastante significativo é a proposta de realizar “uma interação entre a pastoral vocacional e a realidade política, em vista da libertação integral da pessoa humana”<sup>180</sup>. Normalmente, a questão política não aparece de modo explícito nos conteúdos e na prática da animação vocacional. Esta praxe precisa ser revista porque, como foi dito antes, o chamado à vida, a ser pessoa comprometida com o bem comum, **antecede** qualquer outra vocação específica. A vocação humana, como afirmou o concílio Vaticano II, possui uma índole **comunitária** (GS, 24). Cada pessoa, “por sua natureza, necessita absolutamente da vida social, é e deve ser o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições sociais” (GS, 25).

### d) Os serviços e os recursos

169. Toda e qualquer atividade vocacional não seria tão eficaz se não pensasse também nos serviços e nos recursos a serem utilizados. A partir do 1.º Congresso Vocacional do Brasil, viu-se que tais serviços e recursos concentram-se em duas áreas bastante significativas: mídia e viabilização financeira.

<sup>177</sup> Cf. 2.º CIV, nn. 19-25.

<sup>178</sup> ALVARIÑO, G. V., *Os que são chamados*. Sugestões para uma pastoral vocacional, Paulinas, São Paulo, 1999, p. 170; cf. DPVIP, n.º 51.

<sup>179</sup> Cf. 2.º CIV, 19. Neste sentido, permanece um verdadeiro desafio para a pastoral vocacional o fenômeno das milhares de comunidades cristãs sem a celebração eucarística dominical. Sendo o chamamento divino uma graça que se recebe “no altar” (*Ibidem*), isto é, a partir da celebração do memorial da morte e ressurreição do Senhor, torna-se difícil o surgimento de vocações, especialmente para o ministério ordenado, lá onde não há assembléia eucarística.

<sup>180</sup> CVB, n.º 42.

170. A preocupação com a **mídia** precisa tornar-se prioridade. Isso porque ela ocupa um lugar de destaque no momento atual. Não é possível hoje pensar um processo de evangelização, sem os meios de comunicação social<sup>181</sup>. Portanto, é indispensável a **presença** da Igreja neste espaço. E para ser presença é preciso dominar a sua linguagem, a sua natureza e as suas características, isto é, ter competência neste campo<sup>182</sup>. São indispensáveis também a ética, o bom senso e, conseqüentemente, a fidelidade aos valores fundamentais do Evangelho. Sem isso, existe o risco de se passar a explorar a necessidade religiosa do povo, comercializando, também na animação vocacional, os “produtos sagrados”<sup>183</sup>.

171. A animação vocacional não pode esquecer que a mídia contribui para a difusão e o conhecimento das diversas vocações, criando inclusive um clima propício para o seu acolhimento<sup>184</sup>. Quando o acesso aos grandes meios não for possível, o SAV poderá fazer uso dos recursos **alternativos**, os quais, muitas vezes têm um custo mais baixo e são mais fáceis de serem multiplicados<sup>185</sup>.

172. Muitas vezes os projetos pensados não são concretizados por falta de pessoal disponível, mas também por falta de **recursos financeiros**. Estes são indispensáveis e necessários. Não há como desenvolver um bom projeto de animação vocacional, sem destinar para ele uma boa parte dos recursos disponíveis nas dioceses<sup>186</sup>. Por isso, o 1.º Congresso Vocacional do Brasil, com realismo, pediu que as atividades de animação vocacional fossem viabilizadas financeiramente, prevendo-se os recursos necessários<sup>187</sup>. Isso quer dizer que nos planejamentos das dioceses, das paróquias, das congregações, dos institutos, a animação vocacional, sendo prioridade, deve contar com uma boa porcentagem do orçamento previsto.

173. Além do mais é preciso que se insista na necessidade de inversão de prioridades de gastos. O dinheiro da comunidade deve ser investido em ativida-

des necessárias e fundamentais, como a animação vocacional, a catequese e a formação dos cristãos leigos e leigas. Estes têm o direito a receber uma formação integral que os coloque em condições de participar plenamente da vida e da missão da Igreja (cf. P, 832). A vitalidade de uma comunidade eclesial se mede também pelo destino que ela dá ao que arrecada dos fiéis. Por isso, é urgente questionar a forma como, tantas vezes, se faz uso do dinheiro da comunidade. Do mesmo modo é preciso insistir para que haja **partilha** (cf. 2Cor 9,1-15) entre as dioceses, paróquias e congregações para que se dê um “testemunho justo de caridade eclesial”<sup>188</sup>.

#### PROPOSTAS PARA A EQUIPE VOCACIONAL LOCAL

1. Antes da conclusão do Ano Vocacional (23 de novembro de 2003) realizar uma grande Assembléia com toda a comunidade. Fazer uma avaliação do Ano Vocacional.
2. Considerando esta avaliação, tendo presente as propostas desta terceira parte do texto-base, traçar uma programação vocacional para 2004, tendo como objetivo principal a preparação para o 2.º Congresso Vocacional do Brasil (setembro de 2005).
3. Pensar em estratégias para a divulgação desta programação e numa metodologia que envolva todas as comunidades, grupos, pastorais, movimentos nesta ação vocacional (ajudar a comunidade a ter uma “fisionomia vocacional”).

<sup>181</sup> Já o papa Paulo VI, de forma profética, lembrava, em 1975, que a Igreja deve sentir-se culpada diante de Deus quando não lança mão desses meios potentes no seu serviço de evangelização (PAULO VI, *Evangelii nuntiandi*, n.º 45). João Paulo II tem insistido muito nesta questão. Ele considera a mídia como o *primeiro* areópago dos tempos modernos (RMi, n.º 37).

<sup>182</sup> ID., *Eccllesia in America*, n.º 72.

<sup>183</sup> Cf. BLANK, J., *O sagrado e os mecanismos do mercado neoliberal*, pp. 10-12.

<sup>184</sup> 2.º CIV, n.º 60.

<sup>185</sup> Cf. DPVIP, n.º 91.

<sup>186</sup> Cf. G. RUSSOLILLO, *Voi dunque pregate così: “Padre nostro...”*, Edizioni Vocazioniste, Roma, 1987, p. 185.

<sup>187</sup> Cf. CVB, n.º 46.

<sup>188</sup> 2.º CIV, n.º 61.

## CONCLUSÃO

174. A proposta do Mestre a Pedro e aos demais apóstolos foi muito concreta e provocadora: “Avança mais para o fundo, e ali lançai vossas redes para a pesca” (Lc 5,4). Este Texto-Base quis nos mostrar como, aplicado ao Serviço de Animação Vocacional, isto significa mais coragem para “navegarmos por mares que ainda não conhecemos”. Em termos bem mais concretos, podemos afirmar que chegou a hora de passarmos a ações mais audaciosas que levem a animação vocacional a encontrar soluções novas para novas realidades e novos desafios.
175. O Ano Vocacional de 2003 quer ser apenas o início de mais um período fecundo para o serviço vocacional da Igreja no Brasil. Temos, sem dúvida, a consciência da importância da dimensão vocacional para toda a Igreja. Desde o concílio Vaticano II até aqui muitas foram as conquistas, tantos os avanços e inúmeras as alegrias, especialmente nos últimos vinte anos. Mas nós somos um povo de caminheiros. Ao caminhar sempre deixamos para trás sinais de cansaço e de acomodação. Por isso, de vez em quando, como o profeta Elias (cf. 1Rs 19,5-8), precisamos refazer as nossas forças para retomarmos a caminhada com mais vigor e mais decisão.
176. Além disso, independente do perigo da canseira e da estagnação, como cristãos e cristãs, somos convidados a estar **sempre a caminho**, em busca da morada que ainda “está para vir” (Hb 13,14), do novo céu e da nova terra (cf. Ap 21,1-4). Portanto, não nos é lícito parar e muito menos ceder aos medos e à tentação de desistir de buscar novos caminhos. Vale a pena, de vez em quando, recordar o lema do 1.º Congresso Vocacional: “Coragem! Levantate, Ele te chama!” (Mc 10,49b). Como Abraão somos convidados a deixar o que conhecemos e a ir em busca daquilo que o Senhor ainda vai nos mostrar (cf. Gn 12,1). A confiança no Emanuel, no Deus, que por seu Filho (Mt 28,20) e pelo Espírito (Rm 8,26-27) caminha sempre conosco, deve nos im-

pulsionar e nos dar a ousadia cristã de olhar sempre para frente. A ousadia de acreditar que a Trindade Santa é capaz de fazer “novas todas as coisas” (Ap 21,5).

177. Com este Ano Vocacional queremos dar início a um grande **mutirão vocacional** que concretize a proposta de João Paulo II para a Igreja deste começo de século e de milênio: estimular “todos os batizados e crismados a tomarem consciência da sua própria e ativa responsabilidade na vida eclesial” (NMI, 46). Um mutirão vocacional que faça da Igreja no Brasil uma verdadeira “**ekklesía**”, isto é, uma comunidade toda ela vocacionada e vocacional. Uma Igreja onde todos e todas fazem experiência do chamamento divino e são, ao mesmo tempo, pessoas que, em nome de Jesus, vão chamando a humanidade para participar do grande banquete da vida (cf. Lc 14,23) e da farta pesca (Lc 5,6-7). Uma comunidade onde a incorporação a Cristo, efetuada pelo Batismo, gere aquela “inesgotável pluralidade de carismas, serviços e ministérios”<sup>189</sup> e faça dos cristãos e cristãs um povo apto e pronto a participar ativamente da vida eclesial e da construção do mundo novo sonhado por Deus.

178. Cada Regional, Diocese, Paróquia ou Comunidade deve buscar, com muita criatividade, caminhos novos para dinamizar a animação vocacional. Pode-se começar com o fortalecimento e a revitalização do que já acontece no Brasil. Por exemplo: 1) O Mutirão para a superação da miséria e da fome, enquanto opção pela vida, nossa vocação primeira; 2) A criação de grupos de reflexão em todos os ambientes (escolas, universidades, centros urbanos, pequenas cidades, periferias, zonal rural, etc.) a partir da inspiração do Projeto “Ser Igreja no Novo Milênio”; 3) A Campanha da Fraternidade, com a sua preocupação pela vida; 4) Dia Mundial de Oração pelas Vocações (4.º Domingo da Páscoa), momento forte para congregar a Igreja e pedir operários e operárias para a Messe; 5) Mês Vocacional; 6) Mês da Bíblia; 7) Grito dos Excluídos; 8) Mês Missionário; 9) Dia Mundial das Missões; 10) Dia Nacional da Juventude (último domingo de outubro), que em 2003 terá como lema “Lancemos as redes em águas mais profundas”; 11) Dia Nacional dos Cristãos Leigos e Leigas; 12) O diálogo ecumênico, ressaltando nossa vocação para a comunhão e a unidade; 13) Outras atividades regionais, diocesanas e locais.

179. Este evento do Ano Vocacional quer ser a grande porta de entrada para o 2.º Congresso Vocacional que realizaremos em setembro de 2005. Portanto,

<sup>189</sup> CNBB, *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, n.º 79.

os três próximos anos serão muito intensos e, com certeza, trarão muitas graças e novo dinamismo para a nossa animação vocacional. E que tudo isso termine “frutificando **no compromisso de um amor ativo e concreto a cada ser humano**”, pois isso é o que, de fato, qualifica e dignifica “a vida cristã, o estilo eclesial e a programação pastoral” (NMI, 49).

180. Todavia, precisamos ser bem realistas. Não devemos esquecer que temos ainda “um longo caminho a percorrer” (1Rs 19,7), avançando para “águas mais profundas” (Lc 5,4). Somos chamados a alimentar a nossa existência cristã, a fim de que tenhamos a força necessária para prosseguir a viagem. Por isso, como comunidade vocacionada e reunida pela Trindade, queremos a Ela dirigir a nossa prece:

Ó Trindade Amada, Pai, Filho e Espírito Santo,  
Vós chamais os homens e as mulheres  
para serem santos e santas, no amor.

**Fazei brotar em nossas comunidades  
aquela variedade de vocações, de serviços e de ministérios,  
segundo a riqueza da graça recebida no Batismo.**

Que a vossa Igreja, Povo de Deus, Assembléia dos chamados,  
seja fiel à sua vocação.

**Animai os jovens vocacionados e vocacionadas.**

Dai, aos cristãos leigos e leigas, coragem, audácia e firmeza, para que,  
no cotidiano da vida, construam a justiça, a solidariedade e a paz.

**Às irmãs e aos irmãos de vida consagrada,  
dai coerência e transparência, para serem, nesta terra,  
sinal do amor e da ternura da Trindade.**

Olhai para os nossos diáconos;  
sejam eles imagens vivas do Cristo Servo.

**Que os nossos padres e bispos,  
segundo o exemplo de Cristo, Bom Pastor,  
cuidem, com carinho e amor,  
de todas as pessoas a eles confiadas.**

Fazei, enfim, que todos os batizados,  
sob o olhar carinhoso da Mãe Aparecida, a vocacionada do Pai,  
com renovado ardor missionário, avancem, sem medo,  
pelos caminhos da justiça e da solidariedade,  
a serviço da vida e da esperança, na busca do Reino definitivo.

**Amém.**

## Cronograma

DATA	EVENTO	LOCAL	COMO
12 de janeiro	Abertura (Batismo do Senhor)	Aparecida (EP) e Igrejas Locais	Celebração Eucarística (SVM - GAV)
02 de fevereiro	Dia da Vida Consagrada	Igrejas locais	CFE / CNIS
18 a 23 de fevereiro	Congresso Nacional dos Diáconos	Itaici (EP)	CND
11 de maio	40º Dia Mundial de Oração pelas Vocações (Dia das Mães)	Igrejas locais	Subsídio próprio, contendo a mensagem do papa, esquema celebratório, e oração.
30 de abril - 09 de maio	41ª Assembleia da CNEB	Itaici (EP)	CNEB
19 de junho	Dia Eucarístico Vocacional (Corpus Christi)	Igrejas locais	Subsídio próprio elaborado pelas Equipes Vocacionais Diocesanas
27 de junho	Dia de Oração pela Santificação do Clero	Igrejas locais	Subsídio próprio (SVM) e Congregação de Jesus Sacrdote
18 a 21 de julho	Assembleia Nacional do Movimento Serra	Curitiba - PR	Movimento Serra
05 de agosto	Vocação dos Ministérios Ordenados	Igrejas locais	CNP e CND
10 de agosto	Vocação da Família Dia do Diácono Dia dos Pais	Igrejas locais	Pastoral Familiar e CND
10 a 16 de agosto	Semana da Família	Igrejas locais	Pastoral Familiar
17 de agosto	Vocação à Vida Consagrada	Igrejas locais	CFE e CNIS
24 de agosto	Ministérios laicais	Igrejas locais	CNLE
31 de agosto	Dia dos Catequistas	Igrejas locais	Dhm. Catequese / SVM
28 de setembro	Dia da Bíblia	Igrejas locais	SIDMA / SVM
12 de outubro	Mossa Senhora Aparecida	Seminário de Aparecida Paróquias	Novena de Aparecida na dimensão Vocacional
19 de outubro	Dia das Missões	Igrejas locais	Dhp. Missionária / SVM
17 a 20 de outubro	16º ENPV	Enxilia - DF	SVM/CNEB
26 de outubro	Dia Nacional da Juventude	Igrejas locais	Sector Juvenil / SVM
16 de novembro	Fomaria	Aparecida	Celebração / Mov. Serra
23 de novembro	Encerramento (Cristo Rei) Dia dos Leigos Vocação Pastoral	Igrejas locais	Celebração Eucarística ou outra atividade

## ABREVIATURAS E SIGLAS

- 2.º CIV - Documento Conclusivo do 2.º Congresso Internacional das Vocações (Roma, 1981).
- CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.
- CVB - Documento Final do 1.º Congresso Vocacional do Brasil (Itaici, 1999).
- DPVIP - Pontifícia Obra das Vocações Eclesiásticas, Desenvolvimento da Pastoral das Vocações nas Igrejas Particulares (Roma, 1992).
- GAV - Grupo de Assessoria Vocacional (SVM-CNBB).
- GS - Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no Mundo de hoje (Concílio Vaticano II).
- IPV - Instituto de Pastoral Vocacional
- LG - Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja (Concílio Vaticano II).
- NMI - Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, no início do novo milênio (João Paulo II).
- OT - Decreto *Optatam Totius* sobre a formação dos presbíteros (Concílio Vaticano II).
- P - Conclusões da Conferência de Puebla (1979).
- PDV - Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis* sobre a formação dos presbíteros (João Paulo II).
- PV - Pastoral Vocacional
- RMi - Encíclica *Redemptoris Missio* sobre a validade permanente do mandato missionário (João Paulo II).
- SAV - Serviço de Animação Vocacional.
- SC - Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia (Vaticano II).
- SD - Conclusões da Conferência de Santo Domingo (1992).
- SVM - Setor Vocações e Ministérios (CNBB)
- VC - Exortação Apostólica *Vita Consecrata* sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no Mundo (João Paulo II).

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> . . . . .	03
<b>INTRODUÇÃO</b> . . . . .	05
Contexto . . . . .	05
Objetivo . . . . .	06
Tema e lema . . . . .	07
Motivação . . . . .	08
<b>1. O ROSTO DA ANIMAÇÃO VOCACIONAL - A REALIDADE</b> . . . . .	11
<b>1.1. Fazendo memória</b> . . . . .	11
a) <i>Os sopros do Espírito</i> . . . . .	11
b) <i>Novo dinamismo</i> . . . . .	13
<b>1.2. Vendo o presente: pesquisa vocacional nos regionais</b> . . . . .	15
a) <i>As respostas dos regionais e dioceses</i> . . . . .	15
b) <i>O rosto da animação vocacional</i> . . . . .	16
c) <i>Temas a serem aprofundados</i> . . . . .	17
d) <i>Novas questões</i> . . . . .	18
e) <i>Desafios</i> . . . . .	18
f) <i>Pistas de ação</i> . . . . .	19
g) <i>Parecer global</i> . . . . .	21
<b>1.3. Fazer animação vocacional a partir da realidade</b> . . . . .	23
a) <i>O mundo em que vivemos</i> . . . . .	23
b) <i>A situação do Brasil</i> . . . . .	25
c) <i>Um mundo novo é possível</i> . . . . .	26
d) <i>O SAV situado em uma realidade urbana</i> . . . . .	27
<b>1.4. Lendo a história da PV e a pesquisa</b> . . . . .	28
a) <i>As luzes</i> . . . . .	28
b) <i>Questões emergentes</i> . . . . .	30

<b>2. NOVOS TEMPOS PARA A ANIMAÇÃO VOCACIONAL - REFLEXÃO BÍBLICA A PARTIR DA REALIDADE . . . . .</b>	<b>33</b>
<b>2.1. Jesus, vocacionado do Pai, nas águas do Jordão . . . . .</b>	<b>33</b>
a) <i>O batismo de Jesus . . . . .</i>	33
b) <i>O nosso batismo . . . . .</i>	35
c) <i>Batismo: fonte de todas as vocações . . . . .</i>	36
<b>2.2. Em atenção à Palavra . . . . .</b>	<b>37</b>
a) <i>O texto (Lc 5,1-11) . . . . .</i>	37
b) <i>À beira do lago . . . . .</i>	38
c) <i>O Mestre anuncia a Palavra de Deus . . . . .</i>	39
d) <i>Os pescadores seguem Jesus . . . . .</i>	39
e) <i>O jeito de Jesus . . . . .</i>	40
<b>2.3. A vocação dos pescadores . . . . .</b>	<b>41</b>
a) <i>O chamado a lançar as redes . . . . .</i>	41
b) <i>A disponibilidade dos vocacionados . . . . .</i>	41
c) <i>"Não tenhas medo!" . . . . .</i>	42
d) <i>A identidade do discípulo . . . . .</i>	42
e) <i>A reação dos vocacionados pescadores . . . . .</i>	43
f) <i>Jesus, animador vocacional . . . . .</i>	43
<b>3. AVANÇOS À LUZ DA VOCAÇÃO BATISMAL . . . . .</b>	<b>47</b>
<b>3.1. Avanços na compreensão vocacional . . . . .</b>	<b>47</b>
a) <i>Teologia da vocação . . . . .</i>	47
b) <i>A vocação é amar . . . . .</i>	48
c) <i>A vocação à vida . . . . .</i>	49
d) <i>A eclesiologia da vocação . . . . .</i>	50
<b>3.2. Animação vocacional corajosa - pistas de ação . . . . .</b>	<b>53</b>
<b>3.2.1. Propostas mais amplas . . . . .</b>	<b>53</b>
a) <i>Considerar o fenômeno da urbanização . . . . .</i>	53
b) <i>Alimentar a mística . . . . .</i>	55
c) <i>Usar de criatividade . . . . .</i>	56
d) <i>Valorização da pessoa . . . . .</i>	57
e) <i>Outras propostas . . . . .</i>	57
<b>3.2.2. As propostas mais específicas . . . . .</b>	<b>59</b>
a) <i>Eclesialidade e formação . . . . .</i>	59
b) <i>Organização e itinerário vocacional . . . . .</i>	62
c) <i>Interação com outras pastorais e dimensões . . . . .</i>	64
d) <i>Os serviços e recursos . . . . .</i>	65
<b>CONCLUSÃO . . . . .</b>	<b>69</b>
<b>ABREVIATURAS E SIGLAS . . . . .</b>	<b>73</b>

**Conheça também outros subsídios para Pastoral Vocacional:**



**Ministerialidade da Igreja e Ministérios:**

- Conclusão do 15º Encontro Nacional de Pastoral Vocacional.  
- R\$1,00



**Documento Final do Congresso Vocacional**

- Fruto do 1º Congresso vocacional do Brasil, o documento traz indicações e pistas concretas para a Pastoral Vocacional nos próximos anos.  
- R\$1,00



**Vídeo - Presbítero: Pessoa e Missão**

- Síntese do 9º Encontro Nacional de Presbíteros, ilustrando as reflexões vindas das nove oficinas e das apresentações de assessores.  
- R\$ 28,00



**Vídeo - Igreja: Vocações e Ministérios**

- Apresenta a riqueza de ministérios na igreja e pede das comunidades um compromisso efetivo no serviço de animação vocacional.  
- R\$ 28,00

**Encomendas e Informações CNBB - Regional Sul II.**

Rua Saldanha Marinho 1266 CEP: 80430-160 - Curitiba - PR.  
Telephone: (41) 224-7512 - Fax: (41) 223-5388  
Caixa Postal 1515 - CEP: 80001-970  
E-mail: cnbb@cnbbs2.org.br site: www.cnbbs2.org.br

## Interpretação do Cartaz

O cartaz do Ano Vocacional foi idealizado com a intenção de levar a pessoa a uma série de questionamentos. A questão vocacional é ampla e complexa e deve levar em conta uma série de elementos: o transcendente e o humano, a necessidade espiritual e a dimensão histórica e concreta. Sua meta é apresentar os elementos essenciais deste grande mutirão vocacional, de maneira suave e extremamente positiva. O tom das cores recorda as riquezas e valores: a diversidade cultural, a natureza exuberante. O azul, além de representar a água, símbolo da vida, tão abundante em nossos rios e mares, aponta-nos para o tema do batismo e lembra-nos do céu, Reino de Deus, nosso objetivo.

A cruz, elemento de destaque, traz-nos a imagem de CRISTO vivo, presente hoje e sempre, estimulando-nos no trabalho da difusão do seu Reino, chamando operários para a messe, em todos os lugares, principalmente no Brasil, daí, o mapa estilizado mostrando a abrangência do Ano Vocacional.

O lema “Avancem para águas mais profundas” é um convite para assumirmos uma nova postura na Pastoral Vocacional. Os vários elementos, estrategicamente colocados, apontam para a dimensão transcendental e representam a diversidade de dons e ministérios, dados e assumidos pelo homem e pela mulher.

Os “espinhos”, verdadeiros obstáculos, recordam-nos as chagas de Cristo e o sofrimento humano, fruto do egoísmo e da injustiça e que deve ser superado. Cada batizado e batizada tem como missão mergulhar no mistério de Cristo e nele buscar forças para o seu dia-a-dia. Nele o animador vocacional fortalece sua mística, torna-se o mediador de muitos chamados e colabora para a construção do Reino de Deus.

**Fique por dentro: [www.pastoralvocacional.org.br](http://www.pastoralvocacional.org.br)**